

ASSIGNATURAS

ANNO. 20\$000
SEMESTRE..... 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas

25, RUA DE S. JOSÉ, 25

APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Não podemos recuzar o nosso applauso desinteressado ao augmento do imposto de industrias e profissões lançado sobre as casas «em que a gente se embebeda», com o vinthem de paraty, vendido aos calices no balcão.

Esse imposto provocon uma terna revolta que esguicha na imprensa e suscita aos executores da lei da receita embaraços muito serios, muito graves na applicação da humanitaria medida que fulminou os vendedores de alcool em dózes mínimas, como si fôsem vendedores de venenos. Não ha duvida que, á primeira impressão, considerando-se quantos calices de paraty é preciso vender por anno para auferir um lucro legitimo, livre da contribuição de 1:200\$, parece excessivo o imposto, com a circumstancia de gravar um producto do paiz, a aguardente de canna, o popular paraty, a bebida do pobre que se não póde saciar com os cognacs, com os rhums ou com os vinhos preciosos nem com os zurrapas falsificados, arteficiaes, nacionaes ou estrangeiros, explorados por uma classe de commercio de que a fraude é um vicio organico. Mas, calculando por alto sem rigores de estatistica, se verifica que o imposto, embóra represente, na hypothese mais forte, dez réis sobre calice de paraty, exige apenas o consumo annual de 120.000 calices: é um páu pelo olho para os exploradores desse vicio propagado de maneira assombrosa nesta cidade.

Para que o leitor possa avaliar de golpe a extensão desse repugnante habito, basta observar o que se passa numa dessas tabernas quasi elegantes, onde o humilde paraty se insinúa falaciosamente entre o commercio de fructas, de doces, de generos de primeira necessidade. Emquanto aguardar a sua cajuada saborosa, conte quantas vezes o caixeiro, a um canto

do balcão, despeja incessantemente, em pequenos calices facetados, o paraty colorido com algumas gottas de *bitter* e de outros succedaneos amargos impingidos a titulo de appetitivo. Verá um váe-e-vem de cortiço, contínuo, incessante. Velhos, homens de meia idade, moços, rapazes, gente de todas as categorias e condições sociaes vão pressurosos ao beberico, solicitado com um gesto, com uma palavra de gyria, murmurada, incomprehensivel, do prodigioso liquido que mata a sêde, que provoca o appetite, que abranda o calor, que aquece contra o frio, que preserva dos effeitos da humidade, de todos os accidentes da inconstancia atmospherica. Uns bebem com a serenidade da submissão ao vicio, que já se não esconde; outros aventuram meias palavras de justificação, não solicitada, pretextando uma indisposição do estomago, o calor suffocante, os sapatos encharcados; o maior numero exhibe um desdém superior pelo conceito dos circumstantes, que não os imitam, como si estivesse praticando um acto vulgar, tolerado e radicado aos costumes.

O leitor verá os pequeninos calices pouco asseiado, lubrificadas pela baba de milhares de boccas, levados a labios sequiosos, rubros, entumecidos, grettados, que se dilatam, depois, na contorsão de uma carêta de repugnancia, ao passo que os olhos do bebedor se inflammam num rapido fulgor onde se fundem lagrimas. E pensará que aquelle pequenino calice de paraty váe, em dez, em vinte dózes diarias para as entranhas daquelles freguezes da taverna, como o toxico da degeneração da nossa raça, na fórmula mais perigosa—a pequena dóze regular, ingerida a hora certa, em determinados sitios, cimentando, gotta a gotta, os fundamentos de um habito que se desenvolverá até se consolidar em vicio com todas as suas crueis, as suas inexoraveis exigencias, com a pressão ineluctavel de uma necessi-

dade psychologica do organismo, perturbado na sua funcção normal, subordinada á injuncção, ao impulso violento do excitante deleterio.

Aquelle dimiuinto calice, aparentemente inoffensivo, é o precursor fatal das grandes dózes dissolventes do senso moral e de todos os freios, de todas as energias inhibitorias que constituem a policia, a defeza do organismo humano; elle é o orvalho fecundante dos canteiros, onde proliferam os medonhos germens da tuberculose, da malaria, bichos que o paraty não mata; elle cerceia os tecidos, provocando dilatações precoces, produz a degenerescencia dos musculos em gordura de enganador aspecto; e, quanto aos tristes effeitos moraes, elle dissolve lentamente o esmalte do pudor até chegar ao aviltamento abjecto.

O observador menos perspicaz póde verificar o espantoso desenvolvimento do alcoolismo, em todas as suas phases pictorescas ou repugnantes, si estacionar alguns momentos num desses covis, cuja obra depravadora um futilissimo, um pernicioso respeito á industria do paiz, a liberdade individual pretende justificar ou proteger com essa tolerancia criminosa que é a geradora inicial de todos os males, de todas as catastrophes sociaes.

Dirão os representantes dessa tolerancia: não é justo que se fulminem com impostos prohibitivos as tabernas, os kiosques e congengeres espeluncas incumbidas da propagação do alcoolismo em dózes fraccionadas; não é justo excluir os emporios onde o alcool se concentra no caminho da usina para o estomago das suas victimas; parece absurdo que se pretenda prohibir o calice de paraty e se frauqueie o commercio do mesmo liquido em pipa, em barril, na pipinha artistica, na pipinha suggestiva. Ferir o explorador desse commercio em grosso importaria em attingir o retalhista e, consequentemente, reduzir o consumo.

Nós queremos acreditar que o le-

gislador indigena, muito obsecado pela politica, escravizado á disciplina partidaria, muito empenhado em secundar com o seu voto inconsciente as preoccupações financeiras do Governo, não mediu bem o grande, o generoso alcance dessa medida, na verdade prohibitiva, mas de excellentes resultados, ferindo, com certeza de escopeteiro amestrado, o mal no seu ponto melindroso. Dir-se-ia que o auctor dessa lei é um projecto observador dos habitos dos consumidores de paraty e seus succedaneos disfarçados em bellas garrafas, em vazilhas vistosas, ornamentadas de evidentes rotulos artisticos, que são outros tantos appetitivos.

O legislador desse imposto de 1:200\$000 certamente considerou que a embriaguez é um vicio escandaloso, em todas as suas phases, desde o periodo roseo em que a imaginação superexcitada se expande em manifestações alegres, em excessos de ternura, ou se exacerba em violentos impulsos, que podem attingir as tendencias criminosas, até ao colapso do aviltamento.

A grande maioria dos consumidores de bebidas intoxicantes não se embriaga em casa, onde repercutem sómente as consequencias funestas do horrivel vicio — o máu humor, a falta de paciencia, os exaggeros da pena diaria na cavação dos meios de vida, os éstos de brutalidade, de irritação, provocados pelas caricias da espoza, pelo sorriso dos filhos, uma grande intolerancia pela paz serena do lar. Os mais finos licores da adéga do bebedor não o tentam tanto quanto os zurrapas vendidos publicamente. A doce tranquillidade do ambiente da familia tira-lhes o sabor, a seducção. Os ebrios solitarios são rarissimos, são verdadeiros maniacos, excepcionalmente perniciosos.

O incentivo para o alcool augmenta na razão directa da concomitancia, da cumplicidade que o attenua, porque beber sósinho é uma infamia. Esse vicio demanda publicidade, exige companheiros, camaradas de tirocinio, na phase mais perigosa, a phase da iniciação, quando não attingiu ainda as proporções de uma tyrannia inexoravel, precursora da dysomania.

Sendo assim, o legislador feriu certo, supprimindo com o imposto a condição essencial de publicidade, o

instrumento de propagação, a taberna, o botequim, o kiosque, onde actúa, em perenne exhibição, o contagio do exemplo.

A lei é injusta, contradictoria porque, taxando com rigor o paraty, a bebida popular e brasileira por excellencia, excluiu o vinho e a cerveja nacionaes, que tambem concorrem com um grande contingente para a intoxicação alcoolica — retorquirão os partidarios da liberdade da pinga. Não se considera que a cerveja e o vinho, bebidas absorvidas em grandes dózes, não teem em si mesmas o correctivo ao consumo, limitado á capacidade do estomago e das bolsas menos favoracidas, ao passo que o calice de paraty é fallacioso na sua apparencia inoffensiva, no seu insignificante preço, nas suas pseudo propriedades medicinaes, e, por isso mesmo, requintadamente virulento para o organismo humano, para os aparelhos essenciaes á vida physica e moral.

E' forçoso, entretanto, reconhecer que esse generoso impulso para emprehendermos, no Rio de Janeiro, a campanha contra o alcoolismo, não terá resultados correspondentes aos generosos intuitos do legislador: o copinho de paraty está tão profundamente engastado nos costumes, que resistirá a todas as medidas de prophylaxia social e a todos os meios de combate. Multipliquem-se os impostos em proporções violentas, inventem-se providencias de policia fiscal, de policia preventiva, o resultado será negativo; o vicio augmentará na razão dos meios de prohibição que tornarão mais seductor, mais precioso e mais desejado o copinho de veneno, tragado clandestinamente, disfarçado aos olhos dos cerbéros do imposto de consumo.

POJUCAN.

Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

Na famosa, por demasiado cheia de erros de toda a especie, 4.^a parte da *America Latina*, o seu destemido auctor atreve-se a tentar uma caracteristica do genio, do espirito sul-americano, nomeadamente do brasileiro.

Raro se encontrará um maior acervo de banalidades, reproduzidas um pouco de toda parte, sem a menor

particula devida a trabalho pessoal do escriptor.

Os dois caracteristicos principaes dos latino-americanos, badalados ahi por toda a gente, e que Bonfim tem a ingenuidade de suppor que fôram agóra, pela primeira vez, descobertos por elle, são — o *genio conservador* e a *falha de espirito de observação*.

São duas notações simplissimas, quinhentas vezes feitas antes do precioso desorganizador do *Pedagogium*.

O que nellas, de facto, lhe pertence são as tolices com que teve a habilitade de as deturpar.

Começemos pelo *conservantismo*, ou, melhor, *espirito rotineiro*, que é o que a nós latino-americanos melhor nos cabe, porque o largo e fecundo genio conservador — nós não o possuímos sufficientemente.

A notação é exacta, quando feita em termos, mas o mestriinho das tortas psychologias teve geito para a deitar a perder.

Eis aqui: «Das qualidades a nós transmittidas a mais sensivel e mais interessante, por ser a mais funesta (*Mais interessante por ser mais funesta! Que vem a ser isto?*), é um *conservantismo*, não se póde dizer obstinado, por ser, em grande parte, inconsciente, mas que se póde chamar propriamente um *conservantismo essencial*, mais affectivo que intellectual.

Em theoria, os homens das classes dirigentes acceitam e proclamam, como boas, a maior parte das idéas geraes, communs, de progresso; mas nem sabem relacionar essas idéas e principios geraes com as necessidades proprias de cada epocha e com as circumstancias especiaes de cada paiz, nem sabem fazer essa applicação, nem são capazes, quando ella se impõe por si mesma, do menor esforço para adaptar-se a uma conducta diversa (*Si fôsse Le Bon que tivesse escripto isto, que não diria o terrivel Manoel?*). Não supportam que as coisas mudem em torno delles.

.. Vivem elles e o paiz que dirigem — uma vida de adiantamentos e vãos expedientes.

Para todos o idéal é dizerem-se *conservadores*.

Ha politicos ouzados de idéas, radicaes, e até revolucionarios; mas, obedecendo a uma necessidade intima de organização affectiva, acham sempre o meio de explicar que *não querem ser mais que conservadores*. E de facto é o que elles são. A tendencia *instinctiva* ao conservantismo não lhes permite reflectir que essa politica *conservadora, anti-social*, mesmo para os povos que possúem um passado capaz de despertar enthusiasmos, (*E' falso funesta* para os proprios paizes que trazem de outras éras instituições

bemfazejas e obras grandiosas (*E' falso!*), que esta politica vem a ser não só *ridiculamente absurda, como essencialmente criminosa*, tratando-se de nações onde *não ha, em verdade, o que conservar (!? Ah! Le Bon!)*. A historia nos mostrará (*Pobre historia!*) que, nas nacionalidades sul-americanas, antes mesmo de completa a independencia, já apparece um partido *conservador*, pezando decisivamente sobre a marcha das coisas publicas. Pergunta-se agóra: *que é que havia então para conservar? A vida das populações, a linguaagem, os territorios? E ainda hoje: em nome do que se justifica esse programma de politica conservadora?* São nações, estas, em que tudo está por fazer, a começar pela educação politica e social das populações.

Que pretendem então defender, deste passado? Elle é uma série de crimes, iniquidades, violações de direitos, resistencias systematicas ao progresso. Que é que pretendem conservar? Só si é justamente a DECADENCIA (Já não se lembra que xingou, paginas atrás, Le Bon, por achar DECADENTES os latino-americanos!), a resignação social, e tudo mais que, prendendo-nos ao passado, se oppõe obstinadamente á vida e ao progresso. (Pag. 166 e seguintes).

Curioso trecho, em verdade.

Para o homem do *Pedagogium*, todo o passado sul-americano é imprestavel, nada existe nelle a conservar, porque não foi mais *todo elle do que uma série de crimes, iniquidades, violações de direitos, resistencias systematicas ao progresso*.

Não ha, não existe, nunca vi uma mais formal e categorica condemnação das gentes sul-americanas. Nunca houve europeu, nunca existiu Gustavo Le Bon algum que tivesse dito a metade, sequer, de tantos esconjuros e maldições.

Será verdadeira a pintura do nosso passado e do nosso presente feita por Bomfim?

Não o creio absolutamente; mas vá que seja.

Si assim é, não sabe esse professor de psychologia que as forças do passado, o que vale dizer a pressão da tradição, as energias da historia, que importam no concurso accumulado de qualidades e predisposições ethnicas, sociaes, politicas, religiosas, costumesiras, economicas, e trinta outras prendem fatalmente os homens a um certo trilho da vida, imprimindo-lhes uma direcção predeterminada? *Conservar o que?* Pergunta, muito ancho de si, o curioso psychologo.

Nunca vi interrogação mais imperinentemente banal.

Que conservar? Tudo: o espirito da raça, o seu character, a lingua, a alma de seus grandes homens, o bom senso, os bons costumes, o equilibrio

do genio, o amor da patria, das tradições, do progresso bem entendido, da liberdade, da ordem, e, em geral, todas as nobres qualidades seleccionadas pela historia no coração de nossos maiores.

Eis o que havia, ha e haverá para conservar, enquanto a propaganda anniquiladora de todos os Bomfins não nos submergir nas tintas incolores dum estrangeirismo apagado e vil.

O sr. Bomfim, em seus momentos, acredita na força da hereditariedade physiologica, psychica e social, tanto que se dá ao luxo de, antes de dissertar sobre o nosso *conservantismo*, dilatar-se por seis longas paginas ácerca da ultima daquellas manifestações do allndido factor bio-sociologico, numa série de considerações que não brilham muito nem pelo a proposito, nem pela profundeza.

Ora, assim sendo, qual é o seu criterio, quando entra a descompor os latino-americanos, por obedecerem a uma coisa, *fatal*, como é a hereditariedade?

Que diabo de psychologia aprendeu, para ensinar, esse homem, que nem sequer percebe ser o seu insensato negativismo, ácerca da *tendencia conservadora no homem e na sociedade*, uma contradicção de collegial?

Sim, si Manoel mesmo escreve isto: «Em que consiste a hereditariedade social? Consiste na transmissão, por herança, das qualidades psychologicas, *communis e constantes*, e que, por serem *constantes e communis através de todas as gerações*, dão a cada grupo social um character proprio distincto: transmissão por herança, no grupo anglo-saxonio, das qualidades que caracterizam o typo anglo-saxonio, perpetuação nos judeus das qualidades typicas da raça». Si Bomfim mesmo escreve isso, com que seriedade vem exprobrar aos latino-americanos o obedecerem a taes principios e terem, pois, alguma coisa a *conservar*?

Ora, meu caro psychologista, um pouco mais de logica e senso não lhe fariam mal algum.

Não é a tendencia conservadora, que o proprio auctor denomina *affectiva e essencial*, qualificativo este ultimo, por certo, mal empregado, que deve ser censurada e combatida; porque a *hereditariedade* é uma força sem a qual não se concebe a propria vida. O que ha a fazer é procurar dar-lhe, por assim dizer, um alimento forte e sadio. Para tanto, deve-se ir modificando, conduzindo, educando a força contraria—*a adaptação* a novos meios, a novas necessidades, a novos impulsos. Estes, bem dirigidos, vão formando novos habitos, que se vão substituindo aos antigos, e acabarão por se transmittir tambem por *hereditariedade*. Tal a licção que se deveria espe-

rar de quem se quer dar por psychologo e é director de um instituto de educação, e não declamações insensatas contra a *tendencia conservadora*, qualidade sem a qual não se poderia sequer comprehender o genio, a índole, a individualidade dos povos.

Outro ponto, porque este está liquidado.

No que diz respeito á *falta de observação*, de que padecem os latinos-americanos, não passa no livro de Bomfim da repetição impertinente, mil vezes feita por escriptores de muito mais esclarecido criterio e de muito maior saber.

E' um traço verdadeiro, posto a perder pelo auctor, por suas exaggerações e pela mania de attribuir tudo e até isto ao parasitismo. Eis as suas palavras: «O *parasitismo* não só dispensa o individuo de progredir, immobilizando-o, como o torna incompativel com o progresso, porque *annulla a faculdade de observação*, e o subtráe á influencia desse transformar incessante das coisas; e assim se perde o sentimento immediato da vida. Assim se explica a *falta de observação*, tão sensível nos povos sul-americanos, principalmente nos individuos das classes dirigentes. (Si assim é nas *dirigentes*, que não será no rebotalho brotado dos famosos *intersticios* de Bomfim?!) Essa falta de observação constitúe, mesmo, o *segundo traço dominante no seu character*. Esses homens que se deviam reportar ás necessidades reaes da nação, nellas inspirarse, vivem fóra dos factos, não sabem vel-os; o mundo actual, ambiente, não tem significação para elles (*E' de mais*); fazem toda a sua obra com o cabedal *livresco*. Em vão se procurará nos seus discursos, programmas, pareceres, proclamações, a expressão dos problemas effectivos do momento e as suas soluções possiveis». (Paginas 178 e 79.)

Não passa este palavreado da repetição, com ares de quem está a dizer novidades nunca sonhadas, de notações feitas por outros escriptores; o que é *novo* aqui é apenas o séstro de deformar, exaggerando. Na penna desse escriptorzinho de sexta ou setima ordem, tudo, todos os factos se transformam em caricaturas. Não ha nada em seu livro, menos a pulhice do parasitismo, que já não tivesse sido dito e redito em duzentos escriptores nacionaes. O que se nota é que Manoel não os cita, na doce illusão de enganar os *badands* que o cercam e cujas manhas conhece.

O mestrinho do *Pedagogium* ainda estava no *abc* nas classes primarias, quando eu já caracterizava os latino-americanos, respectivé os brasileiros, por estas palavras, que não troco por toda a *America Latina*, com todos os

sens parasitismos, falsos ou verdadeiros :

« Entre boas, e poderá dizer até optimas, qualidades espirituas que as gentes latino-americanas possuem, como sejam a facilidade de aprender e assimilar, a curiosidade por tudo que se diz novo, impossivel é negar o pouco alento de sua imaginativa, a pouca profundidade de suas faculdades de observação, o pouco vigor de seu talento inventivo.

Demasiado habeis para inteirar-se do que se faz nos paizes de sua predilecção, maximé a França, os latino-americanos, fôram sempre, até hoje pelo menos, incapazes de abrir por si mesmos uma phase qualquer ao seu proprio pensamento.

Todas as suas idéas, todas as suas theorias, todas as suas doutrinas em todos os ramos da cultura, teem sido sempre de importação. Por isso, elles quasi nunca pensam, citam; não crêam, reproduzem; não descobrem, imitam; não investigam, esperam que lhes mostrem o resultado obtido.

Nessa faina, entram com a paixão ardente, propria de meridionaes e mestiços. Por isso, quando abraçam uma doutrina e se filiam numa escola, chegam até a ter a illusão de que essas fôram criações suas. Dahi, o desembaraço com que elogiam, proclamam, endoizam o que suppõem *novo*, e desrespeitam, descompõem, maltratam, injuriam os que os não acompanham, a quem chamam *velhos e atrasados*. A *phrase*, isto é, o colorido das palavras, o ondulozo dos periodos, a sonoridade dos adjectivos, teem para elles um prestigio invencivel.

O criterio das idéas confunde-se, no seu sentir, com o brilho do estylo. Quem mais sabe e mais pensa é quem escreve mais *bonito*, no seu conceito.

Chegam a chamar *genios*, quero dizer, chegam até ingenuamente a proclamar espiritos originaes, creadores, inventivos, abridores de novos horisontes e novas prespectivas á humanidade, a meia duzia de rethoricos, verdadeiros ôdres de vocabulos que teem possuido no correr dos tempos. Quanto mais facil e mais superficial, mais verdadeira lhes parece uma doutrina e mais acceitavel um systema. Si fôr exposto em estylo cantante, em palavras marchetadas, espalhar-se-á aos quatro cantos do continente.

Desejo de saber teem elles, não pelo attractivo impessoal da alta e grande cultura, nem mesmo pela necessidade de manejarem as armas intellectuaes na lucta pela vida, sinão como uma especie de decoração para brilharem, passando por talentosos e adeantados.

Por isso, do saber tomam apenas a parte e chegam sómente até o ponto

em que possam ostentar o que desejam. Por isso, não aprofundam, o que seria uma fadiga inutil, que não poderiam supportar. Dahi, o não passarem, em tudo que diz respeito a attitudes autouomicas do pensamento e a evoluções que revolucionem por completo o velho edificio de suas idéas, de certa média commoda, de todos comprehendida.

São capazes de fazer uma revolução politica, si fôr ajudada pelo exercito, só por culto de phrases feitas, de estribilhos demagogicos, jámais com o firme proposito de reformar as inqualificaveis tropelias de sua vida partidaria, de sua administração publica, de sua organização do Estado.

Emfim, não terá, talvez, muito errado quem disser dos latino-americanos tomados em geral, como typo ethnico, serem elles um singular mixto de curiosidade e superficialidade, de leguleismo e chicaua, de irreverencia e rotina, de effusões lyricas e mediocridade philosophica e scientifica.

Mais do que á primeira vista pôde parecer, seu proverbial desrespeito, a sua notada irreverencia encobre um real fundo de incapacidade, de fraqueza das forças creadoras do espirito.

Si elles produzissem por si — conheceriam quanto é laboriosa e sagrada a faina da grandes conquistas da intelligencia, do sentimento e da vontade dos homens, e teriam, infallivelmente, mais attenções para com o character dos individuos, das classes, das instituições. A formalistica os domina mais do que levianamente suppõem; todas as suas questões dão, por via de regra, novos ensejos á mania da regulamentação.

As chamadas classes derigentes, os ditos intellectuaes nada dirigem e nada illustram. Os mais graves problemas politicos, financeiros, economicos, administrativos, ou não teem solução, ou a teem do acaso, ou de alguma imposição estrangeira. Dá-se com esta classe de assumptos o mesmo que acontece aos meramente litterarios, philosophicos, scientificos; esperam que lhes maudem livros para *citar* sobre taes assumptos e *copiar* qualquer coisa que allúres se tenha praticado, sem attenderam que coisas existem que as nações ou as fazem por si mesmas ou vão cavando a propria ruina. Dest'arte, si não possuem genio inventivo, menos ainda possuem genio pratico.

Em sua litteratura geral, manifesta-se a ausencia do primeiro; e na litteratura scientifica, si de uma tal se pôde cogitar entre elles, patentêase a falta de ambos. Dos ramos scientificos que de preferencia teem culti-

vado no seculo XIX, para só delle fallar, o direito foi o que mais labores lhes consumiu. Mas ali mesmo possuem uma bibliotheca inteira de formularios e rabularias, e não contam um só livro de doutrina e especulação que mereça a attenção da sciencia universal.

O mesmo em medicina, o mesmo em engenharia e mathematica, o mesmo em historia natural e em philosophia.

E' que, de par com as liberdades consagradas por méra ostentação nas leis, regulamenta-lhes a vida, de alto a baixo, um disfarçado e quasi inconsciente systema de captiveiro e impotencia intellectual, que, da escola — primaria, chega aos mais altos gráus de todo o systema educativo, fundamentalmente jesuitico, transmittido por hereditariedade.

Nestas condições, não é inexplícavel que audem sempre, a despeito de sua curiosidade, que, o mais das vezes, não passa de uma verdadeira *curiosité malsaine*, alguns decenios atrasados no curso das idéas.»

Isto, modestia á parte, é sobrio, correcto e verdadeiro; não contém exaggeros, nem parasitismos, e foi escripto, quando Bomfim cursava o *abc* em Sergipe.

Paginas dessas, peculiarmente dedicadas ao Brazil, contam-se ás duzias em nossos melhores criticos. Valem sempre um pouco mas do que os delirios de Oliveiras Martins e as patacoadas de Bomfim.

Outro assumpto. Na parte, ora analysada, do livro do iracuendo sergipano avultam uns destemperos acerca das funcções do Estado moderno, que estão a pedir valente rebate.

Essa tarefa de desbastar tão intensa selva de despropositos requer certa extensão que não devo dar a estes artigos.

Ficará para outra occasião, si fôr forçado a voltar a dizer da *America Latina*, pondo, então, em completa nudez, quasi linha a linha, os milheiros de erros que se occultam naquellas cerradas paginas.

SYLVIO ROMÉRO.

Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro e segundo semestres de 1905.

**

As officinas dos « Annaes », disponda de um material completamente novo e moderno, encarregam-se de qualquer trabalho typographico.

D'AQUI E D'ALLI

Uma psychologia curiosa Hugo Munsterberg, professor de psychologia na universidade de Harvard, escreveu em allemão uma obra interessantissima, que foi depois traduzida para o inglez, sobre a *psychologia do americanismo*. Além de muitas informações sobre o governo e a administração nos Estados Unidos, a essencia das suas apreciações sobre o povo *yankee*, está contida nesses quatro capitulos: o espirito de progresso, o espirito de iniciativa, a estima que o americano tem para com a sua propria pessoa, o espirito — confiança em si. A idéa de independencia, no americano, leva-o a não se inquietar com a conducta nem com os negocios dos conhecidos, deixando-os agir, á vontade. As emprezas dos gatuos são, por isso mesmo, muito encorajadas. Isso é, sem duvida, a origem e a razão da impunidade, da corrupção nos negocios municipaes. Pódem-se accuzar os americanos, não de ser geralmente deshonestos quando funcionarios, mas de fazer com que o seu systema administrativo permita a muita gente baixa tornar-se empregado publico. Não se nega, porém, que a nação inteira procura desembaraçar-se desta praga terrivel.

Outra observação a notar no capitulo da confiança que o *yankee* vota á sua pessoa: «Na America, cada um váe para as suas occupações sem ser ameaçado pelos superiores e sem amedrontar os outros empregados de classes immediatamente inferiores; não ha, portanto, nem duma parte, condescendencia, nem doutra, servilidade. Em todas as situações, o americano é digno senhor da sua pessoa, correcto, polido e franco.»

* *

Palavras de Guilherme II Reproduzimos hoje duas phrases do imperador allemão, ditas num muito pequeno espaço de tempo e que denotam, duma maneira bem evidente e suggestiva, a incoherencia em que vive o espirito de principe teutão. E não podia deixar de ser assim quem se multiplica em todas as solemnidades, manobras, inaugurações, missas, casamentos, discursando em todos os logares, espallando o seu nervosismo extremo por toda a Germania, numa actividade de pasmar. Governador, poeta, musico, orador, Guilherme II não podia ser perfeito em tudo. E é nos discursos que elle mais claudica. Em Dresde, a 25 de outubro, pronunciava elle as celebres palavras: «Os meus esforços tendem constantemente para manter a paz e é a essa tarefa que eu consagro todo o meu trabalho

e todo o meu poder.» Passadas algumas horas, tres dias depois, já o rei da Prussia pensava diversamente, na inauguração da estatua de von Moltke: «Eu levanto um *hurrah* pela polvora secca e pela espada afiada.» E na base do monumento elevado ao grande feld-marechal vê-se em letras enormes a seguinte inscripção, que bem parece ser do imperador tedesco: «Ao bom povo, no bom momento, o homem quiz pela bôa causa. Os dados de Deus, de qualquer maneira que sejam lançados, caem sempre de bom lado.»

* *

Reliquias de Nelson Vendeu-se recentemente em Londres uma bellissima colleção de objectos que pertenceram a lord Nelson e que fôram conservados por um dos seus ajudantes de campo em Trafalgar. Entre as peças que passaram no leilão, um calçador de prata foi comprado por 675 francos. As duas bandeiras arvorados no *Victoria*, em Trafalgar, attingiram, uma, um galhardete branco, a 250 francos, e a outra, a bandeira nacional, a 1.750 francos. Uma medalha de ouro offerecida a Nelson por Davison, por occasião da batalha do Nilo, alcançou 2.400 francos.

A peça, porém, que obteve o maior preço foi uma mecha de cabellos do almirante. Essa mecha composta de doze cabellos trançados, com um galão da dragona que foi cortada pela bala fatal, chegou até aos 2.725 francos.

* *

Romances italianos Apareceu ultimamente em Milão um novo livro de Antonio Fogazzaro — *Il Santo*. Encontram-se nesse romance diversos personagens de outros livros do poeta — *Pequeno mundo de outr'ora* e *Pequeno mundo moderno*. O herôe da peça, Pietro Maironi, era um dos typos notaveis das suas primeiras obras. — Gabrielle d'Annunzio publicará, em fevereiro proximo, um grande romance intitulado *Amaranta*. O assumpto é bem moderno e tragico: uma mulher abandoua o lar para se tornar *ecuyère* duma companhia; tenta o perigoso exercicio do circulo da morte, em automovel, é projectada sobre o solo e expira immediatamente, sem uma contracção, sem um gemido.

* *

A leitura dos japonezes Os subditos do mikado não são menos positivos que os chiezes, si, para determinar o seu caracter, pudermos nos servir da escolha das suas leituras. Na bibliotheca imperial de Tokio, são pedidos poucos romances,

ao passo que se lêem, por anno, 12.500 obras de theologia e 166.700 volumes de sciencias mathematicas e medicas. São muito pouco consultados os livros de geographia, de viagens, de historia e de litteratura. Rara é a occasião em que se vê algum japonez lendo uma dessas obras.

* *

Um engraxador de chefes de Estado Fred. Racik, o rapaz de S. Francisco, conhecido como o *Frisco kid the globe trotting Bootblack*, que pretendia limpar as botas de todos os soberanos do mundo, acaba de engraxar as do presidente Loubet, em outubro passado. Racik partiu, a pé, da sua cidade natal, sómente com 75 centimos no bolso, e começou a luzir os sapatos de todos os governadores dos Estados Unidos e dos personagens americanos mais em evidencia, como o almirante Dewey. Em Nova York, eucerou as botinas do sr. Theodoro Roosevelt. Munido de bellos certificados e de algumas moédas de ouro, Fred mettetu-se em um transatlantico prestes a partir e foi para a Europa. Deixando a França depois de concluida a sua missão alli, encaminhou-se para a Belgica, onde pretende engraxar os reaes sapatos de Leopoldo II, o monarcha que é o meio termo entre o presidente de republica e o soberano severo e duro. Esse excêntrico Fred partirá depois para a Inglaterra, onde peusa ser bem recebido por Eduardo VII.

* *

Desenvolvimento de Paris No começo do seculo XIV, a grande capital contava 310 ruas e praças. Debaixo do reinado de Luiz XIV, elevou-se o numero a quasi 500 vias; em 1816, era de 1.070 e de 1.100 em 1843; 20 annos depois, subiu a 1.174 e em 1865 foi a 3.750, depois da reunião das communas suburbauas. Por fim, esse numero formidavel attinge, em 1892, a 4.090 e dois annos mais tarde chega a 4.207. Hoje, póde-se dizer que a capital do mundo conta 4.500 ruas, praças, avenidas, caes, pontes, etc., numa extensão total que passa de 1.000 kilometros.

* *

Esriptores theatraes Os auctores francezes recebem, nos Estados Unidos, direitos auctoraes consideraveis. Pela *Madame Sans Gêne*, durante tres estações, Victorien Sardou recebeu 175.000 francos; pela representação, durante quatro epochas, em um só theatro, de cinco peças suas, *Theodora*, *Tosca*, *Fedora*, *Cleopatra* e *Gismonda*, o dramaturgo ganhou um milhão e 785.000 francos. Avalie-se, por ahi, quanto

não guardou o director do theatro. Sardou, apesar de bem velho e estar bastante rico, ainda continúa a escrever; terminou o libretto duma nova opera destinada a Giordano e que está intitulada *La Festa del Nilo*. A acção passa-se no Egypto, na epocha da conquista napoleonica, mas não é sinão um drama de amor e não tem nada de historico.

TESTAMENTO DO PADRE FEIJÓ

Ao nosso querido amigo e collaborador, o sr. Coelho Netto, devemos o seguinte curioso documento, o testamento de um dos mais notaveis personagens da mais agitada quadra politica do Imperio, o famoso regente, o padre Diogo Antonio Feijó, cuja passagem na historia deixou um refulgente sulco de energia, de hombridade, de patriotismo.

Tristão Grellet, serventuario interino do officio de primeiro escrivão do civil e annexos da comarca de Campinas. Certifico que, revendo em meu cartorio os autos de inventario dos bens deixados pelo padre Diogo Antonio Feijó, dos mesmos a folhas vinte e um usque verso, consta o testamento (autographo) do mesmo padre, o qual tem o teor seguinte, conservada a orthographia:

Em Nome da Santissima Trindade dou principio a meu Testamento pela maneira seguinte. Sou natural desta Cidade filho de pais incognitos, de mais de cincoenta anos de idade Quero ser enterrado sem acompanhamento nem officio e de loba somente. Sou e sempre fui Catolico romano. Tudo quanto tenho dito e escrito sobre a disciplina da Igreja tem sido por zelo e affecto a mesma Igreja, e desejo, que se removão os obstaculos que a experiencia mostra averem na mesma, á salvacao dos Fieis. Desejo se digão no dia de minha morte ou no seguinte vinte Misas, pelas quaes se dará a esmola de mil reis por cada uma. Não reconheço erdeiro, e por iso instituo miuha erdeira a D. Maria Justina de Camargo, e quando aconteza ter esta falecido antes de minha morte, a D. Margarida filha de D. Manola Francisca de Jesus Feijó. Posuo uma Xacra e alguns bens moveis.

Dese credito ao meu Caderno incardernado e a minha Carteira e deles e de creditos consta o que se me deve e eu devo, mas estamos de contas justas com meu Compadre Raimd Alves dos Santos Prado, e meu amigo Padre

Geraldo Leite Basto, os quaes nada mais me devem.

Deixo forros todos os meus escravos crioulos de maior idade e a Evaristo e sua mulher, a Eustaquio, e Enzebio; e as mulheres destes Quirubina e Antonina ficarão forras da data deste a cinco anos. Todos os mais escravos avidos, e por aver serão forros logo que completem vinte e cinco anos de idade. A todos dará minha erdeira no momento de sua liberdade cem mil reis; e aqueles, que ainda tem de esperar o praso aqui marcado dará, alem dos cem mil reis, o premio de dois por cento anual desa quantia. Os que ainda ficão escravos só poderão estar em companhia, e serviso de minha erdeira e somente serão alugados, ou emprestados á pesoa da escolha dos mesmos, da qual ainda assim poderão restirarse para outra, se esa os maltratar. Esta mesma disposição terá lugar depois da morte de minha erdeira, quando ainda algum escravo tenha de preenxer o praso para liberdade. Declaro que qualquer filho de escrava, ainda depois de minha morte, e antes de libertarse a mãe, será livre desde o seu nascimento, e os pais terão todo o comodo e tempo necessario para o crear, e poderão conservalo depois de creado, onde quizerem. Declaro mais, que só o Carpinteiro Benedito fica eiscluido dos cem mil reis por ter já meio de subsistencia. Fica pertensendo á miuha Erdeira os servisos dos que ainda ficão escravos e todos os mais bens, que posão. Declaro, que a liberdade, que dou aos escravos não é beneficio, é obrigação que me impus, prometendo á muito, e aos mesmos que aceitarão a liberdade prometi prometida a eles e seus filhos.

Rogo a minha erdeira e ao Dr. Padre Miguel Araujo Ribeiro de Camargo queirão ser meus testamenteiros, e dar eisecusão desta minha ultima vontade dentro de dois anos da data deste. Rogo as Justisas queirão assim faser cumprir. — S. Paulo, 3 de Marso de 1835. — DIOGO ANTONIO FEIJÓ.

Certifico mais que o mesmo testamento foi approvedo em S. Paulo em 5 de março de 1835, pelo tabellião Francisco Antonio Barboza. Era o que se continha em o dito testamento, do qual, bem e fielmente, extrai a presente que conferi e por achal-o em tudo conforme, a subscrevo e assigno e ao

proprio original me reporto e dou fé. — Campinas, 19 de dezembro de 1905. — TRISTÃO GRELLET.

SCIENCIA E INDUSTRIA

O iodoreto no tratamento da syphilis —

Os inconvenientes inherentes á ingestão do mercurio existem, na verdade, mas tem sidõ consideravelmente exaggerados, salvo em alguns casos muito raros, nos quaes adquirem tal intensidade, que indicam a renuncia ao medicamento.

A observação diaria demonstra que, si o iodofeto, por si só, é radicalmente impotente para fazer desaparecerem as manifestações cutaneas e mucosas da syphilis secundaria, ha, em compensação, um certo numero de phenomenos morbidos que não se modificam com o mercurio e cedem rapidamente ao iodoreto, os phenomenos dolorosos do periodo secundario — arthralgias, myalgias, dôres osteocopas, cephalas com exacerbações nocturnas.

A clinica nos ensina ainda que, no periodo terciario, nos casos em que o mercurio isolado, se mostra inactivo ou insufficiente, a sua combinação com o iodoreto dá, muita vez, resultados maravilhosos, como no tratamento das gommas cutaneas ou mucosas, das exostoses, das syphilides ulcero-crostosas. Não ha medico que não tenha, no seu activo, graças ao iodoreto, algumas dessas curas que os doentes consideram maravilhosas.

Ao lado da indiscutivel acção curativa do iodoreto, nos varios accidentes syphiliticos, acima enumerados, ha para esse medicamento assim como para o mercurio, verdadeira indicação a titulo de tratamento preventivo, considerando a acção especial exercida pelo iodoreto sobre os vasos, contrabalançando, até certo ponto, a acção da syphilis sobre elles, lesões muito frequentes, expressas sob a fórmula — *la vérole aime les artères*. Ao lado dos accidentes agudos da arterite que ella provoca, é o factor importante do atheroma, da senilidade precoce dos vasos, e o iodoreto é o medicamento vascular por excellencia, tem, como disse Martinet, uma acção electiva sobre as paredes arteriaes, uma acção antesclerosante. Pela vaso dilatação, pelo abaixamento de tensão que elle prodúz, allivia as fibras arteriaes e pela dilatação dos *vasa-vasorum* se dá nutrição mais activa das paredes arteriaes que assim se regeneram.

O iodoreto representa, portanto, com o mercurio, o agente preventivo da arterite cerebral, da aortite, das arterites periphericas, do atheroma generalizado de origem syphilitica; deve,

por isso, apesar do que se possa allegar contra elle, continuar a intervir no tratamento, no lado do mercurio, que representa o principal papel, o medicamento especifico.

* * *

Diamantes azues. — Um capricho do radium. — A exposição de William Crookes perante a British Association.

Na ultima reunião da British Association, em Kimberley, na Africa do Sul, o sr. William Crookes expoz os resultados de suas investigações relativas á acção do radium sobre os diamantes.

Sob a influencia do radium, o diamante adquire a radioactividade induzida e scintilla fortemente com uma phosphorescencia de sulphureto de ziuco; mas não surprehende tanto este resultado quanto o phenomeno da mudança de côr. Por um contacto prolongado com o bromureto de radium, os diamantes, primitivamente incolores, adquirem uma coloração azul persistente, que não desaparece, mesmo aquecida a pedra preciosa até ao rubro. Essa coloração não pôde ser suprimida pelos meios chimicos e o diamante azul torna-se phosphorescente na escuridão.

Pódem-se, assim, fabricar, á vontade, diamantes azues, com a vantagem de serem fortemente radioactivos e conservarem essa mysteriosa energia, em tal intensidade que o diamante pôde substituir o radium.

O sr. Crookes pensa que essa modificação se opéra em toda a massa do crystal.

Proseguem curiosos estudos, em Kimberley, para o desenvolvimento dessa descoberta.

Fragmentos de estudos da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

VII

O presidente da Assembléa Constituinte respondeu ao Imperador: a oração é uma peça que avulta pelo cardume de conceitos vagos, repleta de saudaçõeslouvaminheiras.

D. José Caetano da Silva Coutinho, bispo, capellão-mór, perdeu excellente occasião de ficar silencioso.

Das divagações da resposta, deprehende-se que elle não conhecia previamente a ordem de idéas do discurso imperial. Terminada a resposta, o presidente, de pé, bradou — viva o nosso primeiro Imperador constitucional — o que foi (1) repetido pela Assembléa e espectadores com altas aclamações. S. magestade exclamou tambem — viva a Assembléa Consti-

tuinte e Legislativa; — e foi egualmente correspondido pela Assembléa e espectadores. (2)

A conveniencia, ou inutilidade de ser immediatamente respondido o discurso imperial, foi discutida na sessão preparatoria de 2 de maio. (3)

O deputado Pereira da Cunha aventou a idéa duma resposta immediata; ponderou, todavia, que o presidente, agradecendo ao Imperador, procedesse ou falasse de maneira que não compromettesse a Camara.

Antonio Carlos combate a indicação, qualificando a resposta de ociosa, ou inutil e impraticavel, porque (diz elle) conterà provavelmente graças, ou censuras, e isto é o que uão pôde fazer o presidente: — 1º porque antes de considerada a materia da fala do throno pela Assembléa, se não pôde chegar ao resultado de graças ou censuras; — 2º porque a opinião do presidente, a unica, que a sua resposta pôde exprimir, não é a da Assembléa: — 3º porque seria julgar a fala do Imperador, que não pôde ser objecto de discussão.

Antonio Carlos, abundando em considerações, reputa a dignidade imperial inviolavel e sobrehumana.

Nessa occasião, interrompido pelo padre Dias, deputado de Minas Geraes, prorompeu na seguinte explosão de vaidade, que convém notar, porque retrata e evoca a imagem do homem: ora, a historia duma Assembléa não se cifra unicamente na succinta narrativa de factos; implica seguramente o estudo dos homens em suas paixões, idéas, temperamentos e actos..... ..

«Não posso deixar de dizer (exclama Antonio Carlos) que é pasmoso que um campeão da liberdade do Brazil desde o primeiro alvor de seus annos, seja taxado de illiberal e taxado pelo honrado preopinante? *Risum teneatis?*

«Pedia a modestia que um athleta velho fôsse tratado com decoro por quem, pela primeira vez, ungiu os lombos para entrar em semelhantes luctas..

«Ora, pois, para instrucção do nobre deputado, cumpre-me dizer-lhe que esta é a linguagem dos Russell, Algernon Sydney, Burke, Fox, Grattan e de todos os politicos dessa nação celebre, que primeira deu a unica solução pratica do grande problema da liberdade sem licença. Esses termos sôam sem animadversão nas salas desses communs intrepidos e desses patrioticos patricios, que sabem conciliar a dignidade nacional com o respeito devido ao chefe supremo.»

Nota-se, nessas explosivas vaidades de Antonio Carlos de Andrada Machado, que elle reputava-se um mestre

entre os *ignaros escolares* da Constituinte, e, ancho dessa orgulhosa pretensão, começou a dar-lhes licções, ás vezes proveitosas e ás vezes futilissimas e impertinentes. A auctoridade dogmatica, a fatuidade de orador eloquente e estadista, de superior e erudito, encontraram, entre outros, tenaz contestação, sempre desdenhosa, no padre Dias, que era um espirito superficial; em Carneiro da Cunha, capitão-mór da Parahyba, como era denominado.

Desde as primeiras sessões, os dois representantes da Parahyba e de Minas Geraes recuzaram submeter a cerviz á ferrenha coleira do orador paulista.

Pondo de parte certas theorias erroneas, certas exaggerações estravagantes, é indubitavel que Antonio Carlos dispunha de notaveis talentos; uzava, porém, de phrases gongoricas e incorrectas, mas, em certos lances, eloquentes. Era orador amaneirado, improvisador, imponente, cujo retrato desenharemos opportunamente.

Na contestação, que oppoz á indicação de Pereira da Cunha (marquez de Inhambupe) concernente a responder-se a fala do Imperador, observa-se que elle indiciava a doutrina da irresponsabilidade da Corôa, pronunciando a fala do throno, doutrina que no verdadeiro regimen parlamentar, praticado no segundo reinado, foi constantemente mantida e respeitada.

A Constituinte não pôde ter a pretensão de ser uma assembléa que se notabilizava pela competencia, pela illustração, eloquencia e sabedoria dos representantes de todas as provincias. A sua maioria era formada de mediocridades sem sciencia nem experiencia. Não havia, nesse Congresso, nenhum talento de primeira plana que pudesse rivalizar com os do parlamentarismo do segundo reinado, por exemplo, um dialecto invicto e profundo, qual Zacharias de Góes; um espirito vasto, pujante de erudição, como Angelo Moniz da Silva Ferraz; um orador de estylo aprimorado, qual o visconde de Inhomieriu, ou uma razão armada de luminosas fórmulas do raciocinio, da synthese e da generalisação, qual foi o senador Nabuco d'Araujo; nem uma intelligencia vidente, lucida, que brilhava no barão de Cotegipe; finalmente, na Constituinte não existiram financeiros da ordem de Souza Franco, Itaborahy, ou do visconde de Ouro-Preto e do eximio jurisconsulto Lafayette; nem oradores de eloquencia imaginosa, opulenta, deslumbrante ou vehemente tal qual a dos senadores Fernandes da Cunha, José Bonifacio, Ferreira Vianna e a do intrepido tribuno Gaspar da Silveira Martins — o Oconnell rio-grandense.

Entrê os constituintes de 1823, sobresaíam os Andradas, dotados de talentos diferentes, com aptidões diversas.

José Bonifacio, orador nullo, (como elle mesmo confessára), ministro sem as concepções dum homem d'Estado, primava por ser um sabio naturalista que, desde 1790 até 1800, percorreu as Univerſidades e os Museus da Europa, por ordem do governo portuguez de d. Maria I e de d. João VI, então príncipe regente. Sabio de notabilíssima nomeada nas sciencias naturaes, as quaes, desde o fim do seculo XVIII e do principio do XIX, se desenvolveram prodigiosamente, José Bonifacio não era da mesma grandeza quanto á politica, sciencia que emprega outros methodos. Estudar e dirigir os movimentos, os actos, a vida duma sociedade são coisas muito differentes das classificações mineralogicas; das observações do botanico, assignalando a ascensão da seiva; do chimico, descrevendo as afinidades de differentes substancias.

Na Constituinte, revelaram-se alguns novos talentos, como os Jequitouha e Abrantes, que passaram, mais tarde, pelas maravilhosas transformações do Thabor na tribuna parlamentar. A analyse historica, porém, verifica que, desde a Constituinte, fôram lançadas as sementes de certas idéas e doutrinas, que abroilharam e a experiencia justificará e a pratica aproveitará.

Não é possível escrever a historia daquelle tempo sem, ao menos ligeiramente, traçar um esboço da sociedade, em que viveram d. Pedro e José Bonifacio. Os phenomenos politicos e sociaes, que se manifestaram, explicam-se pelo estado moral e intellectual da sociedade brasileira e a Constituinte exprime esse estado, do qual é innegavel encarnação.

De que modo o Brazil, no inicio de sua independencia, poderia eleger uma Camara composta de notabilidades, que se distinguissem pelas sciencias, que fórman homens de Estado, publicistas, legisladores, financeiros e administradores? Estas sciencias eram aqui cultivadas? A instrucção estava disseminada, propagada, infiltrada por todas as camadas sociaes? Que era o povo brasileiro no primeiro quarto do seculo XIX?

Não passava dum escravizado colonial sob o ponto de vista politico; estranho e apartado dos outros povos, sem commercio, sem contacto, sem communicações, ignorava o movimento da civilização moderna. Só uma fracção, ou mínguada minoria recebia educação incompleta. A ignorancia, qual espesso véo, estendia-se de alto a baixo; envolvia todas as classes, não cobria só as populares—hecterogeneas—por isso mesmo incultas, inaptas

para a comprehensão e pratica da liberdade civil e politica.

E' nesse estado que o povo brasileiro, por força dos acontecimentos, foi chamado a exercer a soberania e eleger os representantes della. Das entranhas obscuras da ignorancia e inesperienza saíu a Camara, onde Antonio Carlos aspirava o mando supremo e pretendia dar-lhes instrucção, como disse ao padre Dias, deputado de Minas Geraes.

A Constituinte não podia ser sinão o que era o povo. Não podia ter aquilo que a nação não possuía. Vinha representar um povo que, durante tres seculos, vegetára no obscurantismo da realza tradicional e, infelizmente, em seu seio lavrava a lépra da escravidão, que o corroía e embrutecia. A despeito de tudo, em verdade, fôram escolhidos e eleitos os homens mais conspicuos e reputados. Não lhes appareceram competidores, porque naturalmente não os havia. A maioria nacional, ou era de gente rude que não sabia ler nem escrever, ou de rusticos e de escravos, que cultivavam os engenhos e fazendas e serviam os senhores nas cidades. Como desse amalga social poderia surgir uma assemblea, cuja maioria fôsse notavel pela sciencia e experiencia politica? De certo, não havia nem uma nem outra; não podia ter o parlamento sinão rarissimos especimens.

Na propria fala do throno, escripta pelo ministro José Bonifacio, allude-se ao estado de crassa ignorancia, em que o regimen colonial conservou as classes sociaes, não lhes dando nenhuma instrucção, unicamente aproveitando-se do trabalho servil e lucroso. Este regimen, como é proprio de sua indole, tinha fundado temor da luz, que, esclarecendo o espirito, vivificando-o, engrandece e o torna apto aos grandes commettimentos da liberdade. A ignorancia era um dos factores auxiliares do governo despotico. O homem ignorante é fraco, pusillanime e brutal; ao contrario, o homem educado e esclarecido tem a irresistivel consciencia da propria força e da dignidade da personalidade e as audacias de combater a escravidão. O ignorante é dominado pelo supersticioso pavor, que lhe inspira a tyrannia e se lhe curva como escravo. Eis ahí porque a metropole condemnava os povos da colonia a apodrecer nas trevas da ignorancia; si lhes derramasse sobre a fronte o baptismo de luz, lhes infundiria n'alma a consciencia da força; os moralisaria, os prepararia para tentarem a reivindicación dos direitos naturaes e, por conseguinte, a metropole assim destruiria o dominio que lhe era tão util e que a ignorancia lh'o havia conservado durante tres seculos. Entra pelos olhos que, sob o ponto de vista, do

dominio e dos interesses, em vez de desdar os laços da ignorancia e da escravidão, convinha e urgia apertal-os. O despotismo, dest'arte, procedia com logica, que lhe robustecia a força material do apparelho governamental.

Entretanto, a Independencia estava proclamada, destruido o jugo da metropole, eleita e funcionando a Constituinte, e a nação sentia-se livre e aspirava realizar grandes destinos. Aos seus guias cumpria abrir-lhe a senda difficil da liberdade e do progresso. Seriam estes capazes de corresponder a tão altas e difficeis aspirações? O Imperador, que, vanglorioso do titulo de Defensor Perpetuo, mostrava optiima vontade, seria, por seu temperamento, improprio ao trabalho lento e paciente dum iniciador, que educa um povo. Elle proprio, mal educado, (4) não conhecia nem comprehendia as exigencias da liberdade. Nascido em pleno regimen do absolutismo, saturado de maximas perversas, nunca tendo visto praticar o governo livre, só comprehendia as praticas da rotina do governo de seus antepassados. A desastrosa orientação do monarcha ha de influir em todo seu reinado, no qual superabundam actos do poder absoluto, começando por legislar *ex autoritate*, convicto de que lhe competia exercer todos os poderes inherentes ao chefe do Estado, invocando o seu titulo *honorifico* de Defensor Perpetuo, como fonte viva de soberania.

O ministro, por assim dizer, alma, inspiração da administração, era uma dessas naturezas indefiniveis. Elle falava e anava a liberdade, mas praticava o absolutismo, em cujo regimen nasceu, educou-se, e viveu. Nos artigos anteriores mostrámos, com o testemunho de seu irmão Antonio Carlos que J. Bonifacio era *muito affeccionado ao arbitrio*, crendo que tudo que fazia era um bem para o seu paiz. José Bonifacio, sem duvida, foi um patriota a seu modo, porém incompativel com o sentir e pensar das gerações novas, que detestavam as maximas e praticas do despotismo. Nos tempos primordios da fundação do Imperio, não lhe escacearam protestos contra o seu auctoritarismo, contra o uzo das devassas, instrumento do despotismo, negação dos direitos, compressão da liberdade individual e até do pensamento, porque estas devassas, ordenadas por portarias (á maneira prepotente do marquez de Pombal), qualificavam de crime de leza-magestade a liberdade de pensar, a ousadia de criticar os ministros de sua magestade, crime que era punido de morte no tempo do marquez e ainda mais cruelmente, segundo o alvará de 1818, provocado ou promulgado depois da revolução de Pernambuco. (5)

Ora um ministro, com taes praticas, imbuído de taes doutrinas, certamente era o menos conveniente ao novo regimen da liberdade, que a nação brasileira pedia e pelo qual trabalhava e desejava ver o paiz regido. Aquelles, que sómente lobrigam no venerando patriarcha um admiravel apostolo da liberdade, não estudaram os seus actos nem os seus pensamentos. Na confusão de idéas, no momento da organização politica do Estado, é natural que muitas idéas e actos despoticos passassem despercebidos, ou não fôsse apurados. Mas o que surprehe é que, decorridos 80 annos, as gerações novas, nascidas e educadas nos uzos e costumes da monarchia parlamentar e ultimamente nos da republica presidencial, contiúem a repetir, ou crer nos juizos escapados aos arroubos dos contemporaneos, idolatras do tempo em que viveram, porque o tempo, em que nascemos é como uma patria moral, que achamos digna e amamos, qual a terra que nos foi berço. Estas gerações devem julgar o passado com outro criterio. Já tem longa experiencia accumulada, não só do governo livre do seu paiz, sob as duas fórmulas da monarchia parlamentar e da republica presidencial, mas tambem dos outros povos, cuja politica profundamente conhecem. Persistir na estolida admiração do passado implica, de certo, ou carencia de bom senso, ou má fé, ou ignorancia crassa das turbas das classes populares dos nossos avoengos de 1822, proclamando o patriarchado do ministro de d. Pedro I. Levantem-lhe estatuas; hourem os seus labores patrioticos; glorifiquem a sua memoria; engrandecam-lhe os esplendores de sabio naturalista; admirem os surtos flammigeros de sua inspiração de poeta, até divinizem a nobreza e houradez de sua vida, a magnitude de seu character; mas quanto á sua sciencia de governo, quanto ao sen liberalismo no momento em que se fundava a liberdade civil e politica e a nação não queria mais viver jungida, como besta, ao carro do despotismo, outro deve ser o julgamento.

As gerações novas, evidentemente, não se confundem, nem pôdem ser comparadas com os analphabetos que compunham as differentes classes sociaes do tempo do ministerio de José Bonifacio.

Elles, sem nenhuma educação, completamente ignorantes dos principios politicos, de certo não podiam saber das condições essenciaes do governo livre. Não avaliavam os titulos de benemerencia e da supremacia dum homem d'Estado, ou *patriarcha*; não ouviriam da bocca dum notavel ministro estas reverentes palavras—*master and servant* (6). Suas aspirações,

seus votos, suas vontades não valiam nada. Contentavam-se com tudo que se lhes dava; mesmo porque não estavam em condições de discernir o que era liberdade, ou arbitrio. Não sabiam, em 1822, si os fundadores da Independencia e do Imperio trabalhavam em pró da causa popular, ou em beneficio dos interesses peculiares de certas e determinadas classes. A Independencia surgia dum cahos; não havia para o povo brasileiro a columna de luz, guiando no deserto. Só fervia um sentimento — acabar com o jugo e dominio da metropole; arrancar a terra brasileira das mãos dos luzitanos; nisso consistia tudo e, pois, não havia o pensamento, a concepção da verdadeira organização dum governo livre. Ao contrario dos nossos antepassados, as gerações actuaes são competentes para discriminar o *joio do trigo*. Ellas contemplan o fulguroso espectáculo dos outros povos livres. Apreciam a marcha da civilização dum a outro extremo do Universo. Conhecem a acção dos povos sobre os governos. Cultivam as sciencias, a litteratura, a historia, a politica e quasi que pôdem exclamar com o poeta antigo — *nihil humani a me alienum puto* (7). A imprensa e, principalmente, o telegrapho, lhes põem, a cada hora, ante os olhos, os successos, de cada dia, as idéas novas, os projectos de refórmas sociaes e politicas, os movimentos revolucionarios, as conquistas do trabalho, do capital e da sciencia; emfim, da vida diaria, intima das outras nações. O pensamento, a idéa, que irradiaram, ao amanhecer do dia, em Berlim, Paris, ou Londres, ao anoitecer já é sabida, discutida, acceita, ou regeitada no Rio de Janeiro, Bahia, Buenos-Aires, Chile, Montevideo, Nova York, etc.

Em 1823, nada disto seria possivel, nada disto se comprehenderia. Os acontecimentos e idéas não *voavam*, arrastavam-se lentamente; precisavam de muito tempo a passar de um a outro. As proprias proviucias do Brazil ignoravam os projectos e opiniões umas das outras, porque não era dado expendel-as nem facil e rapido transmittil-as; por isso, umas provincias adheriram vagarosamente o movimento libertador e outras fôram tardas.

Em circumstancias tão diversas, as gerações do presente tem gravissimos encargos; cumpre-lhes apreciar, com penetrante e são criterio, homens e factos; não devem, com infantil simplicidade das gerações ignorantes, julgarem os factos e os homens, que os praticaram. Compete-lhes o direito de refazer, ou restaurar a verdade da historia: o que uma geração mal esclarecida, pouco intelligente, ou dominada pela supersticiosa veneração

dos avoengos, escrevem, a nova geração, livre de preconceitos, independente, solicita de conhecer a verdade, armada com forte e poderoso instrumento da critica da philosophia da historia, refórma e dá *ao passado o que lhe pertence, e dá ao presente o que é do presente*.

E' assim que cada seculo reconstrue conforme a sua visão dos acontecimentos, (8) dos tempos e dos homens.

Entretanto, a historia da Constituinte, não sendo desfigurada, estudada em seu valor exacto e real, não deixa de ter merito e nobreza pela distincção dos caracteres, que ahí se ostentaram; pela independencia e moralidade politica; pelos talentos nutridos de erudição, que era bem rara naquella epocha que foi e ainda; é admirada, por exemplo: no *tonsurado* ex-benedictino José Joaquim Carneiro de Campos, depois Marquez de Caravellas, ministro, senador conselheiro d'Estado e até elevado á categoria de regente do imperio pela revolução de 7 de abril. Essa historia é a da liberdade nascente e, por isso, merece de todos os brasileiros sincero e profundo culto, mas o culto da verdade, da razão e da justiça. O que a deslustraria, sem duvida alguma, seria a estolida exaggeração de irreflectido enthusiasmo, falseando os factos e não compreendendo as condições em que se acharam os representantes da nação — em face de um poder, que se reputava herdeiro da monarchia absoluta e se prevalecia do titulo *honorífico* de Defensor Perpetuo como fonte viva e permanente de sua soberania. Essa historia, pois, é dos factos politicos, das idéas, dos actos dos homens de uma das epochas interessantes do paiz. Aquí veremos as luctas da liberdade, as tristezas do patriotismo, a prepotencia, a contradicção do governo e sobretudo a coragem civica, digna e admiravel dos que acceitaram a missão de legislar para um povo, sedento de liberdades, que amava, porém não comprehendia.

A narração dos combates, travados no recinto da Constituinte, é um dos episodios em que o historiador deve tomar a peito esmerillar a verdade, reconhecê-la e dizer, *sine ira et sine studio* (9), o merito real e o valor dos combatentes, porque as opiniões de successivas gerações divergem e parece que não ha seguro prumo para avaliar, ou medir nem os actos do poder nem os da Assembléa. Uns pensam que foi a dissolução da Constituinte o mais grave e pernicioso erro do primeiro reinado reinado, e que o 7 de abril respondeu ao decreto de 12 de novembro. Outros opinam que a Assembléa,

incapaz de desempenhar a sua ardua e augusta missão, mereceu bem a sorte que teve, guiada e dominada pelos irreconciliáveis raucos dos Andradas, que, por ineptos, fôram expulsos do ministerio e, esmagados sob o pé delicado da Pompadour do reinado, lançaram-se, como treloucados gladiadores, sem a previsão de estadistas, na arena da opposição, cujo desenlace não anteviram.

Certo publicista e historiador exhibe a Constituinte como uma victima innocente, immaculada, sem nomear o algoz. Esforça-se em justificá-la, sustentando que não ha uma phrase, ou acto da Assembléa, que não fôsse sempre muito respeitosa.

Estas phrases — quasi mysticas — não teem a clareza e a severidade que a historia exige: parecem dissimular — 1º, que o Imperador houvesse desfechada o golpe sobre a Assembléa: — 2º, que não tinha motivo para vibrá-lo, visto como nem por palavras e obras a Constituinte nunca lhe faltou com o respeito, isto é, sempre lhe obedeceu.

Mas quem a dissolveu? E porque motivos?

São problemas que o historiador publicista evita resolver com prudente e sagaz reserva. Em tudo isso, ha uma série de outras questões, que a historia tem o rigoroso dever de tirar dos nevoeiros da duvida e expol-as aos clarões meridianos. São questões concernentes á vida moral e organica do paiz.

Surprehe que o historiador publicista, pratico e amestrado na politica parlamentar e governamental, convertesse a historia em agua benta, (como se diz vulgarmente) para operar o milagre de conciliar duas coisas irreconciliáveis. A historia assim escripta pôde ser um deleite, — ou como diziam os antigos — *scribebat ad narrandum*.

O illustrado historiador publicista é o chefe auctorizado da *escola do optimismo* em philosophia.

Elle não se propõe a iinvestigar as causas determinantes dos phenomenos sociaes e politicos: elle os narra simplesmente, deixando ao gosto dos leitores julgá-los, ou apreciar-los.

O seu volume ácerca da Constituinte, contendo bellas paginas, parece, todavia, propositadamente destinado á *canonisação* da Assembléa e á *glorificação* dos Andradas. No conceito do illustre escriptor, a Constituinte — sempre respeitosa para com o Imperador, — não praticou acto, nem proferiu palavra que provocasse a dissolução. E' notavel o silencio, inexplicavel a reserva, com que se abstém de falar da mão imperial, que vibrou o golpe mortifero sobre o congresso legislativo de 1823!.. Este estranho

acontecimento o historiador publicista deixa no vago; não o esclarece, mostrando-se indeciso em regatear a verdade, que elle offerece e não quer dar.

O volume do sr. barão Homem de Mello, aliás excellent trabalho, é, sob o ponto de vista historico, obra para suscitar um enxame de duvidas e de conjecturas. Quando as nossas gerações actuaes, que escutaram muitos dos contemporaneos dos constituintes de 1823, em poucos annos desaparecerem, as vindoiras, lendo o volume do illustrado sr. barão Homem de Mello, inquirirão: quem tem razão o Imperador, ou a Constituinte? Porque foi esta assembléa punida com a dissolução? Não foi sem motivos, sem ter commettido erros graves, ou males? Porque os Andradas, glorificados, pelo historiador publicista, incorreram nas iras imperiaes? Esses homens tidos e havidos, considerados e apregoados patriarchas, sabios, oradores, estadistas, directores, educadores, guias de emancipadores da nação — como uão souberam evitar o golpe de Estado da realza? Como não calcularam as funestas e perigosas consequencias? Como imprevidentes, iguaros e ineptos, se deixaram surprehender? Como explicar que José Bonifacio, ministro omnipotente, desde 16 de janeiro de 1822, é subitamente precipitado do governo? Como ajuizar de todas estas transformações de coisas e mudanças e peripecias? Tudo isso, necessariamente, é o producto de causas anteriores. Cumpre a historia explical-as, mas o volume do sr. barão Homem de Mello é mudo, qual o mysterio da estrada de Delphos..

Ora, o sr. barão viu-se estreitado em mais duma difficuldade: si quizesse justificar o Imperador, havia de accusar os Andradas; si, ao contrario, tentasse apurar os actos — esbarraria de encontro aos decretos de 12 e 13 de novembro, da Proclamação e do Manifesto, que são documentos historicos e altamente accusam, como criminosos, os laureados pela dextra carinhosa do historiador publicista.

Nada disto, evidentemente, convinha nem se harmonisava com o plano do *optimismo historico* do illustre barão.

Estudaremos e investigaremos — *nos factos* — a procedencia, ou improcedencia das tres opiniões supra indicadas.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) Não nos admiremos dessa scena melodramatica; entre povos mais adeantados e cultos, vemos o mesmo espectáculo; por exemplo, na Constituinte franceza de 1849, segundo refere Eug. Spuller, *Hist. parlam. de la seconde republicque*.

(2) *Diario da Camara*, vol. 1º, sessão de 3 de maio, pag. 17, 2º col.

(3) *Diario*.

(4) D. Pedro disse ou escreveu: «Os dois mal educados da familia de Bragança fomos eu e o mano Miguel; aos meus filhos, hei de dar optima educação.»

(5) Leiam a discussão sobre este alvará na Constituinte.

(6) Theoria do governo do illustre ministro lord Derby. Vide *The democracy ana foreign policy*, pelo escriptor Trail.

(7) Terencio.

(8) LHERMINIER. *Phil. du Droit*.

(9) Phrase de Tacito.

PAGINAS ESQUECIDAS

AS METAMORPHOSES DO MACACO

Jacó, flôr das raças monas
E alumno de um piemontez,
Fazia entre mil gaifonas
Coisas que o demo não fez.

Quanto via, arremedava
Por modo tão natural,
Que o piemontez lhe chamava
Daguerreotypo animal.

Se falasse assombraria;
Porém, mesmo sem falar,
Em toda a macacaria
Era um bichinho sem par.

Um dia em certa barraca
De uma feira, onde brilhou,
Com arte mais que velhaca,
Lustroso espelho empalmou

Viu-se; pasmou. « Que diabo!
Pois eu tenho a cara assim! ?
« O' bruxas, de mim dai cabo,
« Ou condoei-vos de mim!

« Machuchas mestras de tretas,
« Se cabe em vós pio dó,
« Deixai-me o dom das caretas,
« No mais transformai Jacó. »

Bruxinha de genio gaio
Despachou-lhe a petição.
Eis, o mono, papagaio!
Eis nova consumição!

« O meu falar é mui rico!
« Quanto ás pennas, guapo estou!
« Mas este bico!... este bico!
« Quem tal ratice inventou?!

« Bruxa honrada! eu t'ô aconselho,
« Vá nova transformação.
Diz: torna a encarar o espelho...
Vê-se estrellado pavão!

Espaneja-se garboso!
Ama-se; está como um dez.
Senão quando... ai, desditoso!
Repara... que horrendos pés!

Novo rogo impertinente:
« Por esta vez, e não mais »,
Diz a velha impaciente,
« Quero ceder aos teus ais.

« Do que tu mesmo approvaste
« Nas tres fórmas que te dei,
« Para teu consolo baste,
« Que esta final te armarei;

« Terás as visagens ricas,
« O papagaial palrar;
« Do pavão as galas ricas...
« Pegar no espelho! mirar!

Mira-se, exulta. Só nota
Perfeições no todo seu.
Hoje chamam-lhe « janota »,
Bicho incognito a Linneu.

VISCONDE DE CASTILHO.

O DICIONARIO

Era uma vez um tanoeiro, demagogico, chamado Bernardino, o qual em cosmographia professava a opinião de que este mundo é um immenso tonel de marmellada, e em politica pedia o throno para a multidão. Com o fim de a pôr alli, pegou de um páu, concitou os animos e deitou abaixo o rei; mas, entrando no paço, vencedor e aclamado, viu que o throno só dava para uma pessoa, e cortou a difficuldade sentando-se em cima:

— Em mim, bradou elle, podeis ver a multidão coroada. Eu sou vós, vós sois eu.

O primeiro acto do novo rei foi abolir a tanoaria, indemnizando os tanoeiros, prestes a derrubal-o, com o titulo de *Magnificos*. O segundo foi declarar que, para maior lustre da pessoa e do cargo, passava a chamar-se, em vez de Bernardino, Bernardão. Particularmente, encommendou uma genealogia a um grande doutor dessas materias, que em pouco mais de uma hora o entroncou a um tal ou qual general romano do seculo IV. Bernardus Tanuarius; — nome que deu lugar á controversia que ainda dura, querendo uns que o rei Bernardão tivesse sido tanoeiro, e outros que isto não passe de uma confusão deploravel com o nome do fundador da familia. Já vimos que é esta segunda opinião é a unica verdadeira.

Como era calvo, desde verdes annos, decretou Bernardão que todos os seus subditos fôsem igualmente calvos, ou por natureza ou por navalha, e fundou esse acto em uma razão de ordem politica, a saber, que a unidade moral do Estado pedia a conformidade exterior das cabeças. Outro acto em que revelou igual sabedoria, foi o que ordenou que todos os sapatos do pé esquerdo tivessem um pequeno talho no lugar correspondente ao dedo minimo, dando assim aos seus subditos o ensejo de se parecerem com elle, que padecia de um callo. O uso dos oculos em todo o reino não se explica de outro modo, sinão por uma ophtalmia que affligiu a Bernardão, logo no segundo anno do reinado. A doença levou-lhe um olho e foi aqui que se revelou a vocação poetica de Bernardão, porque, tendo-lhe dito um dos seus dois ministros, chamado Alpha,

que a perda de um olho o fazia igual a Annibal, — comparação que o lisongeou muito, — o segundo ministro, Omega, deu um passo adeante, e achou-o superior a Homero, que perdera ambos os olhos. Esta cortezia foi uma revelação; e como isto prende com o casamento, vamos ao casamento.

Tratava-se, em verdade, de assegurar a dynastia dos Tanuarius. Não faltavam noivas ao novo rei, mas nenhuma lhe agradou tanto como a moça Estrellada, bella, rica e illustre. Esta senhora, que cultivava a musica e a poesia, era requestada por alguns cavalheiros, e mostrava-se fiel á dynastia decaída. Bernardão offereceu-lhe as coisas mais sumptuosas e raras, e, por outro lado, a familia bradava-lhe que uma corôa na cabeça valia mais que uma saudade no coração; que não fizesse a desgraça dos seus, quando o illustre Bernardão lhes acenava com o principado; que os thronos não andavam a rodo, e mais isto, e mais aquillo. Estrellada, porém, resistia á seducção.

Não resistiu muito tempo, mas tambem não cedeu tudo. Como entre os seus candidatos preferia secretamente um poeta, declarou que estava prompta a cazar, mas seria com quem lhe fizesse o melhor madrigal, em concurso. Bernardão acceitou a clausula, louco de amor e confiado em si: tinha mais um olho que Homero e fizera a unidade dos pés e das cabeças.

Concorreram ao certamen, que foi anonymo e secreto, vinte pessoas. Um dos madrigaes foi julgado superior aos outros todos: era justamente o do poeta amado. Bernardão annullou por um decreto o concurso e mandou abrir outro; mas então, por uma inspiração de insigne machiavelismo, ordenou que não se empregassem palavras que tivessem menos de trezentos annos de idade. Nenhum dos concurrentes estudára os classicos: era o meio provavel de os vencer.

Não venceu ainda assim, porque o poeta amado leu á prêssa o que pôde, e o seu madrigal foi outra vez o melhor. Bernardão annullou esse segundo concurso; e, vendo que no madrigal vencedor as locuções antigas davam singular graça aos versos, decretou que só se empregassem as mo-

deruas e particularmente as da moda. Terceiro concurso, e terceira victoria do poeta amado.

Bernardão, furioso, abriu-se com os dois ministros, pedindo-lhes um remedio prompto e energico, porque, si não ganhasse a mão de Estrellada, mandaria cortar trezentas mil cabeças. Os dois, tendo consultado algum tempo, voltaram com este alvitre:

— Nós, Alpha e Omega, estamos designados pelos nossos nomes para as coisas que respeitam á linguagem. A nossa idéa é que Vossa Sublimidade mande recolher todos os dictionarios e nos encarregue de compor um vocabulario novo, que lhe dará a victoria.

Bernardão assim fez, e os dois metteram-se em casa durante tres mezes, findos os quaes depositaram nas augustas mãos a obra acabada, um livro a que chamaram Dictionario de Babel, porque era realmente a confusão das letras. Nenhuma locução se parecia com a do idioma falado; as consoantes trepavam nas consoantes, as vogaes diluam-se nas vogaes, palavras de duassyllabas tinham agóra sete e oito, e vice-versa, tudo trocado, misturado, nenhuma energia, nenhuma graça, uma lingua de cacos e trapos.

— Obrigue Vossa Sublimidade esta lingua por um decreto, e está tudo feito.

Bernardão concedeu um abraço e uma pensão a ambos, decretou o vocabulario e declarou que ia fazer-se o concurso definitivo para obter a mão da bella Estrellada. A confusão passou do dictionario aos espiritos; toda a gente andava attonita. Os farçolas cumprimentavam-se na rua pelas novas locuções: diziam, por exemplo, em vez de: *Bom dia, como passou?* — *Pfferrgpxx, rouph, aa?* A propria dama, temendo que o poeta amado perdesse afinal a campanha, propoz-lhe que fugissem; elle, porém, respondeu que ia ver primeiro se podia fazer alguma coisa. Deram noventa dias para o novo concurso e recolheram-se vinte madrigaes. O melhor delles, apezar da lingua barbara, foi o do poeta amado. Bernardão, allucinado, mandou cortar as mãos aos dois ministros, e foi a unica vingança. Estrellada era tão admiravelmente bella, que elle não se atreveu a magual-a, e cedeu.

Desgostoso, encerrou-se oito dias na bibliotheca, lendo, passeando ou meditando. Parece que a ultima coisa que leu foi uma satyra do poeta Garchão e especialmente estes versos, que pareciam feitos de encomenda :

O raro Apelles,
Rubens e Raphael, inimitaveis
Não se fizeram pela côr das tintas ;
A mistura elegante os fez eternos.

MACHADO DE ASSIS.



O ALMIRANTE (65)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXI

Mais adiante, terminou o calçamento: cessou o rumor das rodas e o vehiculo começou a subir deslizando sobre o macadam da ladeira, em declive mais accentuado. O cavallo rebelde se aquietára com o esforço de subir, retezando os tirantes. E Hortencia sorria, desvanecida de haver subjugado os fogosos animaes, curvados, reluzentes de suor e emitindo densos jactos de vapor pelas narinas dilatadas.

— Que susto ! — marmurou a marquezia.

— Elles me conhecem — tornou Hortencia — Basta um pouco de energia, de calma, para conduzi-los.

— E coragem — accrescentou Oscar — Em todo o caso, não deixa de ser uma imprudencia que pôde ter consequências desastrosas. Imagine que os cavallos voltassem de repente.

— Hortencia é muito valente e muito temeraria — observou a marquezia — Teimou em mandar atrelar esses cavallos, quando seria mais prudente para estas viagens empregar as mulas.

— Eu prefiro sempre cavallos — replicou Hortencia — E' mais elegante, mais nobre.

E subiam lentamente a ladeira, sombreada de arvores colossaes, penetrando o seio da floresta, interrompida, a grandes intervallos, por velhas construcções em ruinas, algumas habitadas. Da folhagem levemente agitada caíam gottas da chuva da vespera e petalas de flôres amarellas, que se desfaziam como uma poeira de petalas de oiro. O rumor da matta se harmonizava em melancolica melodia com o rugir de cascatas que se despenhavam pela encosta fragosa, parecendo augmentar ou diminuir de accordo com a violencia e a remissão das rajadas do vento marinho, canalizado no tunel verde do caminho.

Os tres excursionistas experimentavam essa doce impressão da humi-

dade da montanha, e hauriam, a largos haustos, as emanações balsamicas, esse cheiro acre de verdura nova, da resina das arvores, a rebentarem de seiva, das flôres sylvestres em plena fecundação; sentiam-se contaminados das energias mysteriosas da natureza exuberante que os cercava, que os apertava, que os envolvia numa caricia sensual, oppressiva, superexcitante.

Oscar contemplava Hortencia, cuja vivacidade desmaiára numa attitude de repouso melancolico, como si á influencia do ambiente se lhe afundassem os nervos e lhe invadissem o corpo vigoroso um ligeiro torpor voluptuoso. Ella suspirava fatigada ; as palpebras lhe velaram, pezadas os olhos amortecidos e das mãos em abandono lhe pendiam as rédeas bambas. Dir-se-ia que ella se abstraíra da impressão das coisas, das pessoas, para adormecer ao cantigo hypnotico das vózes da floresta e sonhar, evolando a uma região mystica, onde se debuxavam em tenues traços nebulosos os seus idéaes de moça, vacillando no extremo da quadra da existencia, onde as incertezas da innocencia se confundem com os terrores das revelações estranhas dos instinctos. E como um contagio, essa tristeza se communicára á marquezia, que fitava o vago olhar indifferente nas massas de verdura que iam passando lentamente.

A carruagem parou no alto da encosta, na divisão das aguas que correm para a varzea. Cessára a melopéa das cascatas. O vento, mais forte, naquella sitio, açoitava com vigor as arvores. E lá embaixo se divizavam o espelho de aguas, meio escondidas no matto rasteiro, e a immensa orla longinqua do mar perdendo-se no horisonte.

— Neste andar — observou a marquezia — vamos á Tijuca, sem encontrar a desejada casa.

— E' verdade — exclamou Hortencia vivamente, como si despertasse — Parece que erramos o caminho.

— Com certeza — ponderou Oscar — A chacara deve ficar perto do mar á nossa esquerda, talvez lá para os lados da praia do Leblon.

— Ficou muito atraz — abservou respeitosaemente o cocheiro, tirando o luzidio chapéo de oleado.

— A impetuosidade dos cavallos — disse Hortencia, sorrindo — me perturbou. Voltaremos daqui.

E juntando a acção á palavra, despertou os cavallos com um estalido secco da lingua, colhendo as rédeas para fazer a forte volta.

— Nada perdemos — continuou ella — Fizemos um delicioso passeio.

Em vão, Oscar lhe ponderou que seria mais prudente entregar a direcção da carruagem ao cocheiro, porque as descidas das montanhas são sempre mais difíceis do que as su-

bidas ; ella teimou em se manter no seu posto, alardeando uma coragem temeraria e chasqueando do medo de um homem, como elle, habituado aos perigos do oceano, acobardado á perspectiva de um deslise facil pela ladeira plana, sem obstaculos, e marginada pelo amparo de arvores colossaes, pela muralha dos boeiros, que eram pequenas pontes de alvenaria para o escoamento das aguas que atravessavam a estrada.

— Eu confio absolutamente — affirmou Oscar — no meu formoso piloto. Verá que não tenho medo.

— Eu é que não vou descansada — aparteou a marquezia — Hortencia é demasiado afoita.

— Eu terei cuidado. Bem sei quanto valem as pessoas que conduzo, uma preciosa carga de entes queridos. Vejam como isto desliza suavemente. Os cavallos teem um instincto que vale pela mais lucida intelligencia. Vejam como estão anciosos. Elles sabem que vão caminho de casa ; sentem a cocheira.

A cada choque em uma pedra solta, esquecida no meio da estrada, ou em uma depressão de terreno, a marquezia estremecia e lançava para Hortencia olhares de supplica.

— Cuidado, cuidado, menina ! — recommendava ella, agarrando-se ao gradil que contornava as almofadas fôfas.

Firmada nos pés, o corpo inclinado para traz, Hortencia contraíra as guias tensas e abandonára o chicote no bocal. Nessa posição, todas as linhas perfeitas do seu corpo delicado e vigoroso se desenhavam em contornos graciosos, comprimidos nas dobras de um vestido de casemira côr de castanha.

O crepitar das rodas denunciou a terminação da ladeira nas primeiras filas do calçamento. Um bonde subia lentamente puchado por dois burros, arquejantes de cansaço.

— Chegámos sem novidade — exclamou Hortencia — Daqui em deante, nada ha que temer.

— Seria melhor — observou a marquezia — fazermos o resto da viagem no bonde. Tenho as pernas tremulas, entorpecidas.

— Basta repouzar um pouco — disse Hortencia, estacando a parelha — Ande um pouco marquezia e verá como isso passa.

— Tenho um forte zumbido nos ouvidos, como si estivessem tapado.

— Não é nada — disse Oscar — Isto acontece ás pessoas deshabitadas a viajar em montanhas : é um effeito da differença da pressão atmospherica, muito commum nas senhoras nervosas.

A marquezia apeiou-se apoiada pelo cocheiro e deu alguns passos vacil-

lantes, como si sentisse perturbado o equilibrio.

—Estou ficando velha—disse ella, sorrindo — Não posso mais supportar estas violencias.

—Agóra nós—exclamou Hortencia, sorrindo e fustigando os cavallos, que estremeceram e partiram vivamente.

Ella pretendia, para demonstrar a sua pericia, dar uma volta, ao passar o ponto terminal da linha, e regressar em busca da marquezia, que vinha descendo lentamente; mas, ao chegar á ponte sob a qual, por baixo da estrada, a cascata, avolumada em torrente, se precipitava rugindo, deparou-se-lhe, obstruindo a estreita passagem, um cargueiro de peixe da Tijuca, marchando a trote miudo. O vendedor para signalar a sua presença desferiu um forte som estridente da trompa de chifre. Os cavallos, apavorados, em vez de darem a volta para a direita, se desviaram para a esquerda na direcção de uma moita de bambús, que emergiam como uma cerca de lanças agudas das profundezas da grotta, excavada pelas enchurradas onde terminava o parapeito do boeiro. Tomada de susto, Hortencia ergueu-se na boléa tentando conter a parelha espantada a corcovear entre os arreios. Oscar reconhecendo o perigo, erguera-se tambem e, precisamente quando as patas dos animaes se erguiam sob a touceira á borda do pricipio, elle, num movimento rapido, arrebatou com força a moça pela cintura e depol-a illeza no chão. Trepando para a boléa, fez um supremo esforço para conter os dois cavallos; as rédeas rebentaram e o trem se despenhou no precipicio.

Hortencia soltou um grito de terror. A marquezia, que presenciára a scena, estacou immovel no meio da estrada, numa attitudo de panico, e o cocheiro, desamparando-a, partiu correndo para o sitio do desastre.

—Que horror, que horror!—exclamava Hortencia, agitada por uma commoção violenta, debruçando sobre o parapeito — soccorro! soccorro!

O peixeiro, os empregados da estação e o conductor do bonde se acercaram pressurosos. Poucos momentos depois, estavam no fundo da grotta, onde os cavallos se debatiam emmaranhados nas arvores, estalando as patas nas pedras agudas, forradas de lodo esverdeado. Oscar ficára suspenso entre duas hastes de bambú, que lhe comprimiam o busto.

—Coragem, senhor almirante—bradava o cocheiro.

—Oscar, Oscar! Salvem-no — supplicava Hortencia, numa angustia dilacerante.

E como ella tentasse galgar o parapeito, um dos homens conteve-a, tranquillizando-a.

—Não é nada, minha seuhora, disse

elle—o moço não rolou até ao fundo com a carruagem. Escapou por milagre. Veja: está imprensado nos bambús. Os meus companheiros já o desvencillharam; trazem-n'o para cima.

Sustido por dois homens, Oscar surgia da moita e, ao chegar á terra firme, apoiou-se no braço de Hortencia.

—Que tem? — balbuciava esta, fitando os olhos anciosos, rorejados de lagrimas, no rosto livido do almirante.

—Quasinada—murmurou este, com vóz maguada—Dóe-me aqui no ventre; uma arranhadura...

—Estás ferido?—gritou a moça, indicando o collete branco de Oscar, tincto de sangue.

—Váe, váe—murmurou elle, indicando a marquezia — Váe soccorrer aquella pobre creatura. Ella necessita mais de ti do que eu.

Fascinada pela mancha rubra que alastrava, Hortencia não tentou verificar o ferido, tanto receiava reconhecer-lhe a gravidade.

—Perdôa-me, Oscar; perdôa-me—murmurou, tiritando de horror, estendendo-lhe as mãos supplicantes.

CAPITULO XXII

Todos os amigos, tanto que souberam do desastre, accorreram contristados em torno da marquezia de Uberaba, que estava recostada numa ampla poltrona, no gabinete contiguo ao salão da bibliotheca, onde Oscar estava encerrado com os medicos. Sob a impressão da horrivel sceua, a pobre senhora, quasi indifferente aos votos de pezar, apertava com força a mão de Hortencia, sentada junto della. Conservavam-se ambas na attitudo anciosa de quem escuta, procurando surprehender, através da porta fechada, uma palavra que lhes revelasse a verdadeira situação de Oscar. Ellas não choravam; tinham os olhos vitrificados, os rostos pallidos, parados, sem traírem a menor contracção dos musculos, como si toda a vida se lhes concentrasse nos corações turgidos a lhe chocarem descompassados os peitos arquejantes.

D. Eugenia aventurava em vóz baixa palavras de consolação, de esperança, secundadas por Marianinha, que não perdera a calma, cuidando com meiga solicitude da marquezia, dando-lhe a cheirar um frasco de ether, que ella rejeitava com um gesto.

—Não tenha receio, comadre—dizia ella—A ferida não tem gravidade.

—Oscar ficou muito abalado com o susto—assegurava d. Eugenia.

A marquezia supplicava-lhes silencio com um gesto.

Na sala immediata, onde se accumulavam os objectos d'arte, recordações das viagens de Oscar, o conselheiro passeava lentamente de um lado para outro, ditigindo, em longos espa-

ços de remissão, algumas phrases a Sergio de Lima.

—Que fatalidade, doutor! O almirante affrontou impavido os perigos do oceano, as ondas revoltas, as tempestades, os furacões, para se espetar ingloriamente numa ponta de bambú... Caprichos da fatalidade.

—Onde está o homem, está o perigo—observou Sergio de Lima.

—O nosso amigo não corre perigo imminente. De resto, está confiado á sciencia, que o soccorreu a tempo de salvar tão preciosa existencia, preciosa, por todos os titulos, para a familia e para a patria.

Nesse momento, abriu-se a porta da bibliotheca e assomou a figura placida de um cirurgião.

—Doutor!—exclamaram, a um tempo, a marquezia e Hortencia.

—Não ha perigo immediato—responden o homem de sciencia, sublinhando as palavras com um sorriso tranquillizador — Terá alguns dias de leito até que cicatrize a ferida do ventre. Isso depende de absoluto repouso...

A marquezia ergueu-se e, afastando da frente o copioso suor que subitamente a inundára, prescrtou com o olhar o aposento, onde Oscar jazia estendido num sofá de vime, o seu predilecto sofá de leitura.

—Não é conveniente perturbal-o agóra—ponderou o cirurgião — E' preciso deixal-o libertar-se completamente dos effeitos do chloroformio.

Vieram após outros dois medicos, que trocaram com o cirurgião olhares significativos. Um delles tranquillizou a marquezia dizendo-lhe que o ferimento não tinha importancia; mas, como todos os traumatismos que interessavam o ventre, demandava um tratamento de paciencia e muitos cuidados.

—Ah, doutor!—supplicou a marquezia — diga-me a verdade; diga-me que elle está salvo... Não me engane, não me engane.

—Póde ficar socegada minha senhora—garantia o medico, que era um antigo amigo da familia—O nosso jovem collega pensou a ferida com habilidade de mestre. Salvo algum incidente, o nosso almirante estará restabelecido dentro de oito dias. Calma e coragem, minha senhora; evite commovel-o—concluiu o medico, retirando as mãos que a marquezia beijava numa explosão de alegia infantil.

—Obrigada, obrigada, doutor—repetia ella, consolada pelas palavras do medico — Que é preciso fazer agóra?

—A nossa tarefa está cumprida—affirmou o medico — Necessitamos de um enfermeiro dedicado que véle pelo nosso doente.

(Continúa)

ACADEMIA BRAZILEIRA

Do *Jornal do Commercio*, de Juiz de Fóra, transcrevemos, muito penhorados, as captivantes referencias do sr. Belmiro Braga ao director dos *Annaes*.

Tratando da successão do saudoso Pedro Rabello, o amavel chronista das *Horas de Lazer* indica para a cadeira vaga na Academia de Lettras, a candidatura do sr. Domingos Olympio, que, infelizmente, não poderá corresponder a tão honroso voto, por ter eliminado a immortalidade do quadro das suas aspirações...

Ainda outra eleição.

Esta é na Academia de Lettras, mas pelo modo como lá hoje ellas se fazem, pouca differença tem das que se engendram cá pelos nossos sertões adustos.

Para a vaga verificada com a morte de Pedro Rabello, ha um candidato—Domingos Olympio. Não sei de outro homem de lettras, no Brazil, que tenha mais direito a esse logar do que o fulgurante chronista dos *Annaes*; e quando lhe não bastassem essas paginas avulsas para attestarem-lhe a maleabilidade do pulso e a inteireza do character, ali está esse *Luzia-Homem*—o livro mais brasileiro e, ao mesmo tempo, um dos melhores da lingua portugueza que tem apparecido nestes ultimos tempos.

Temos fé (e oxalá que essa fé não seja uma ingenuidade!) que em uma aggremação illustre, da qual fazem parte um Machado de Assis, um Affonso Celso, um Arthur Azevedo, um Carlos de Laet e um Lucio de Mendonça, não se dê, por occasião de se premiar o merito, o mesmo que se dá nas nossas sociedades recreativas, ao elegereem-se as suas commendadoras directorias.

Nada de *compadrescos*, nada de *filhismos*. Que ao depararmos o nome do eleito não nos seja preciso indagar do visinho: Quem será este novo membro da Academia de Lettras? Que obras escreveu? Será poeta? Será prosador? Não? Que a votação dos illustres academicos recaia sempre no candidato que antes de transpor-lhe os augustos humbraes já viva no coração dos seus leitores.

Está neste caso Domingos Olympio; Domingos Olympio deve ser o eleito.

BELMIRO BRAGA.

E' realmente interessante o seguinte artigo do sr. Julio Dantas, sobre um dos mais commoventes aspectos de vida de Bocage. O illustre escriptor portuguez procura, com muita alma, tirar á miseria do velho poeta o que ella geralmente inspira de humilhante e de torpe. Julio Dantas, salientando a de-

gradação daquella epocha e a pulhice de character dos litteratos de então, dá um alto relevo, uma forte sobranceiria e dignidade á miseria de Bocage—a quem saúda não só como o «mais brilhante dos sonetistas que teve o seculo XVIII, mas tambem, e acima de tudo, ao mais fidalgo dos mendigos que tem tido Portugal».

BOCAGE MENDIGO

Em Portugal os poetas, durante todo o seculo XVIII, fôram socialmente qualquer coisa de intermediario ao bôbo e ao mendigo. Para não morrerem de fome e para não descerem como o Bento Antonio ou o José Daniel a vender litteratura de cordel pelas ruas, acolhiam-se á protecção das casas fidalgas. De ordinario, no estado das grandes familias nobres havia um poeta,—tão naturalmente como havia um cabelleiro italiano, um frade alcoviteiro ou uma bôba mulata. Eram preferidos os que cantavam lunduns á viôla, ou tinham pratica de glozar motes em outeiros de abbadessado. Alexandre Antonio de Lima foi o poeta-bôbo dos marqueses de Gouvêa; Caldas Barbosa, o dos condes de Pombeiro. Ambos mulatos, ambos celebres nas modinhas brasileiras e no lundum chorado, ambos emeritos na complicada arte de fazer rir o seu semelhante. O talento era então um simples titulo para se ser admittido á meza dos creados nas grandes casas da nobreza. Os poetas tornavam-se os mais temiveis concorrentes dos franciscanos. Tolentino passou a vida a pedir esmola, com o habito de Christo ao pescoço. Bingre, o Malhão e o idiota do Saunier apodreciam horas e horas nas ante-camaras fidalgas exercendo uma verdadeira mendicidade. Dedicar um soneto equivalia a estender o chapéo. As cartas pedinchonas de muitos poetas no seculo XVIII desqualificariam hoje o mais modesto homem de lettras. No fundo dessas creaturas apagadas tinham-se obliterado as mais fundamentaes noções de dignidade. Não havia orgulho, quasi não havia character. A *Nova Arcadia*, com o doutor França, com o beneficiado Caldas, com José Agostinho, com Bingre, era uma côrte de bôbos da casa Pombeiro, lisongeando a condessa, comendo doce d'ovos, tocando viôla, dizendo facécias, roçando os calções pelos canapés, humilhando-se, intrigando, bajulando, alcovitando.

O conde, pelo luxo fidalgo de ter uma Academia em casa, dava esmola e meza áquella assentada de Menalo, cujo distinctivo symbolico era, contradictoriamente, um lirio de prata impolluto. O *Almanach das Musas* ficou como documento réles das «quartas-feiras de Lereno». Poetas que

eram principes pelo talento, mendigavam como pedintes de portaria. E nem uma revolta, nem um repellão de dignidade, nem uma reacção de orgulho: absolutamente nada. Foi preciso que apparecesse a figura pallida, curvada, rachitica de Bocage, para surgir com ella a primeira revolta e o primeiro protesto. E' certo que Bocage mendigou tambem, que tambem pediu esmola para não morrer de fome; mas, honra lhe seja,—rebellou-se e protestou.

Ha quem duvide ainda da grandeza moral do primeiro dos nossos poetas setecentistas. Ha quem lhe não perdôe vicios e defeitos, isolando-o da sociedade a que pertenceu para o encarar sob o falso criterio da moral d'hoje. Ora os grandes homens são productos do seu meio e da sua epocha. E' necessario conhecer-se a sociedade do fim do seculo XVIII para avaliar Bocage em toda a sua estatura moral. E' indispensavel comprehender-se a que supremo abandalhamento, a que situação de subserviencia e de miseria tinha chegado o homem de lettras sob a intendencia de Manique, para que a rebellião e o protesto desse fallido glorioso surjam em toda a sua significação e em todo o seu valor. No momento historico em que desgraçadamente viveu, a bravura d'orgulho, a selvageria d'independencia de Bocage são a affirmação irrecusavel dum grande e solido character. Evidentemente, ser-lhe-fa facil ter triumphado na vida, tanto quanto entre nós, em 1790, podia triumphar um poeta. Como todos os outros bôbos e mendigos seus confrades, podia encostar-se aos Mecenas que o reclamavam, coçar a casaca em espaldares de damasco, trazer o estomago quente e a algibeira cheia. Bastava transigir, amoldar-se, adaptar-se. Em vez de andar embrulhado no seu velho capote de baetão azul, a arrastar pelas tabernas a sua independencia e os seus sapatos rôtos, a sua miseria d'alcoolico e o seu orgulho de principe, podia ter explorado o meio em que vivia, ter sido como os outros, como todos, devoto e bandalho, parasita e adulador, bôbo e alcoviteiro. Mas não. Entre Bocage e a sociedade que o rodeava estabeleceu-se desde logo uma essencial e profunda irreductibilidade. Deu sempre um pontapé na fortuna, quando era preciso compral-a ao preço duma transigencia.

Era por temperamento, por character, por instincto, uma creatura livre, azeda, combativa e revoltada. Levado ao Paço, de coche, sumptuosamente, para improvisar por occasião do nascimento da infanta Maria Thereza, podendo conseguir a protecção do principe, a sympathia da côrte, infiltrar-se, metter-se, insinuar-se, trium-

phar, — Bocage afasta-se do Paço. Apresentado a Beckford, quando o riquissimo inglez, com Verdeuil e o conde de Lucatelli vinham de visitar a Sé de Lisbôa, podendo valer-se da sua amisade evidente, aproveitar o entusiasmo da sua admiração, collocar-se, impor-se, — Bocage afasta-se de Beckford. Devendo utilizar a estima da condessa de Oyenhausen, sua admiradora até á ternura, protectora desvelada de sua irmã Maria Francisca, lisongeal-a, frequental-a, agradecer-lhe, — Bocage afasta-se da condessa de Oyenhausen. Um dia, o erudito Thomé Barbosa hospeda-o, mata-lhe a fome, fal-o sentar á sua meza, ler na bibliotheca, servir pelos seus creados, trata-o como a um filho, e quando lhe ía dar um começo de vida, como seu secretario, como seu collaborador, como seu amigo, — Bocage afasta-se de Thomé Barbosa. Por ultimo, fazendo parte da *Nova Arcadia*, admirado com sinceridade pelo conde de Pombeiro, regedor das Justiças do reino, sendo-lhe facil conseguir, como o mulato Caldas, um logar na Casa da Supplicação, podendo subir, triumphar, vencer, collocar-se, — Bocage, de subito, sem motivo, sem causa apparente, mette a ridiculo o conde, as quartas-feiras de Lereno, o chá, os versos, os consocios, o ex-frade, o Mecenas, inimiza-se, insulta, achincalha, e declarado incapaz de ser recebido numa sala, move contra si a justiça, o intendente, a Academia, as «sécias», a nobreza, — e ao mesmo tempo temido e detestado, admirado, e perseguido, liquida-se, perde-se, isola-se, mata-se. Se compararmos este apontoado de rebellões, de isenções heroicas, com a subserviencia de bandalhos dos poetas da segunda metade do seculo XVIII, comprehendemos então que valor incalculavel teve o protesto de Bocage, — protesto unico, isolado, digno, honesto, no meio duma litteratura unctuosa de frades, de bôbos, de hypocritas e de pedintes.

Entretanto, pediu esmola, — dir-se-á. Não ha duvida. Pediu-a, quando tinha fome. Mendigou muitas vezes um cruzado novo para o jantar da irmã. Recorreu alguns dias ao caldo e ao albergue dos frades da Bôa-Hora. Mendigou, é certo, mas revoltava-se com toda a sua alma, com toda a sua indignação, com todo o seu orgulho, contra a necessidade de mendigar. A differença entre Bocage pedinte e os seus confrades do seculo XVIII estava positivamente nisso. Os poetas-mendigos de 1780 cultivavam a esmola, parasitavam, beijavam unctuosamente, hypocritamente, a fivella do sapato do bemfeitor. Era um habito, era uma abdicção, era uma vergonha. Bocage, pelo contrario: mendigava, — mas protestava. Foi pedinte,

não por costume, não por indole, não por baixeza, — mas por necessidade organica, inadiavel, no ultimo extremo, na ultima miseria, protestando sempre, rebellando-se sempre. Era a revolta natural do obreiro contra a sociedade que desvaloriza a sua obra. Como havia elle de comer, se vendia os livros a Thadeu Judas por tres modas? Como havia de vestir-se com a miseria que lhe dava por mez frei José Velloso? Constrangido pela fome, recorria á mendicidade, não como uma dadia vexante, — mas como uma indemnisação. Não recebia a esmola com humildade; acceitava-a com altivez. Como Diogenes, não pedia; reclamava o que lhe era devido. Dahi, a ausencia logica, em Bocage, de todo o sentimento de gratidão. Accuzavam-no d'ingrato todos os seus protectores, costumados á genuflexão hypocrita do reconhecimento, — José de Seabra e a marquesa d'Alorna, Thomé Barbosa e frei Joaquim de Foyos. Bocage nunca soube agradecer, — como nunca soube linsogear. Era uma creatura barbara, selvagem, primitiva, independente. Ao passo que Tolentino, com a fita de Christo sobre a véstia de seda preta, dava lições de subserviencia e de unctuosidade aos franciscanos profissionaes, — Bocage estendia a mão com a altivez de quem reclamava uma divida. Os poetas das luminarias e dos outeiros pediam como bandalhos, estendendo o tricorne: Bocage, pelo contrario, mendigava como um grande de Hespauha, — de chapéo na cabeça. Por isso, a nossa saudação não deve ser apenas dirigida ao mais brilhante dos sonetistas que teve o seculo XVIII, — mas tambem, e acima de tudo, ao mais fidalgo dos mendigos que tem tido Portugal!

JULIO DANTAS.

ORGANISAÇÃO DEFENSIVA DAS COSTAS

A apreciação superficial dos acontecimentos, por falta do cotejo e ponderação das causas determinantes de dado phenomeno, condúz muitos individuos, ainda bem intencionados e competentes, a conclusões completamente fallhas, de modo a condemnarem a applicação de tal objecto ou instrumento como inteiramente nocivo ao fim para que foi creado.

Assim, escriptores existem que, julgando as questões militares com o criterio apontado, prégam abertamente a inutilidade e os resultados fuestos do emprego da fortificação costeira, arriuando-se ao falso defeito attribuido a toda a especie de fortificação, desde a simples trincheira abrigo até á mais poderosa fortaleza permanente — de

abater o espirito offensivo do combatente por avivar-lhe a tendencia natural, de se escravizar á sua protecção.

E extremando-se na revelação das desvantagens occasionadas á defeza do littoral pela fortificação, os seus obstinados accusadores, com augmentos apparentemente indestructiveis, proclamam a satisfação plena e cabal desse *desideratum* com a superioridade dos meios em alto mar. Em opposição a essa opinião, o partido contrario, igualmente extremado, tudo concêde á defeza fixa, olvidando a indispensavel e efficaz cooperação do elemento movel.

Não parece provavel que, em epocha alguma, encontrem acceitação pratica as absurdas escolas pró e contra a fortificação; certamente, a meio desses afastados e antagonicos limites, estará o ponto verdadeiro e unico razoavel da questão.

Embóra o predominio exclusivo ou accentuado da força movel coustituisse condição essencial para a inviolabilidade absoluta das costas, haveria sempre logar folgado para a applicação proveitosa da fortificação. O littoral ficaria em identicas circumstancias de fraqueza ao ataque do inimigo, quando, na carencia dos elementos maritimos, quer em numero, quer em qualidade, se encontrassem escassamente protegidas pelas obras permanentes; e, portanto, nos paizes como o nosso, em que os recursos orçamentarios, ordinarios e extraordinarios, não consentem a luxuosa ostentação de fortes e numerosas esquadras, impõe-se, sem remedio, o justo equilibrio entre os elementos movel e fixo, afim de garantir a efficaz protecção das nossas vastissimas fronteiras maritimas, accrescendo a isso que a nossa organização uaval, pelo menos ao presente, não póde assumir o character de uma aggressiva sem limites, não importando a nós muito mais do que o dominio do mar territorial.

Os factos contemporaneos, a experiencia quotidiana da vida maritima da paz e na guerra, ahí estão, de modo decisivo, a realçar o papel representado pela organização defensiva e permanente de determinados pontos da costa com o intuito de offerecerem apoio forte e inestimavel á acção da armada; resultando ainda, dessa apreciação, e de modo indiscutivel, a estreita dependencia das esquadras a esses pontos de apoio, dependencia outr'óra desconhecida com a latitude que apresenta na actualidade, exactamente pelos notaveis e incessantes aperfeiçoamentos e illimitadas innovações na arte e instrumentos de fazer a guerra.

Não ha muito tempo, poucos inconvenientes acarretava a permanencia

prolongada de uma esquadra, embóra numerosa, em alto mar; o systema de navegação á véla, a lentidão do tiro da artilharia e o rudimentar apparellamento dos accessorios davam aos navios de guerra a capacidade de conservarem-se, por largo tempo, affastados das suas fontes de recursos, visto como o dispendio obrigado de seus elementos de vida normal e ainda accidental, não reclamava repetidos abastecimentos.

O navio de guerra moderno, porém, quer sob o simples ponto de vista da navegabilidade; quer em relação aos instrumentos de combate; quer, finalmente, attendendo aos meios subsidiarios requeridos por sua dupla natureza — está constantemente sujeito a cuidados especiaes, á renovação de munições, a reparos de difficil realização em alto mar, por exigirem condições particulares, pessoal e officinas convenientemente apparelhadas para esses effectos.

A provisão de combustivel para a alimentação ininterrupta dos seus órgãos de movimentação é, relativamente, escassa em face do consumo diario effectivo. Os seus porões cedem largo espaço aos artefactos e munições de guerra, ás installações proprias ao seu destino. Assim, em poucos dias de navegação cumpre refazer-a; e embóra haja probabilidade de effectuar novo aprovisionamento em mar desabrigado, o problema, ainda nas condições mais favoraveis, fica incompletamente resolvido ante a série de desvantagens contrapostas.

O emprego desse recurso traz como consequencia immediata a formação de um numerozissimo comboio de navios carvoeiros, contribuindo, por sua vez, para o gasto do carvão transportado; além do grave inconveniente resultante da vigilancia contínua de uma escolta com diminuição de parte consideravel da força naval.

A rapidez do tiro da artilharia naval agrava igualmente a situação das esquadras, porque a bordo de cada vaso de guerra a munição carregada é deficiente, não excedendo, em geral, a que se dispense em uma só batalha de duração prolongada.

Exemplo frisante em apoio a essas considerações resalta das noticias sobre as operações navaes na recente guerra do Extremo-Oriente. O anniquilamento total das famosas esquadras russas do Baltico, deve attribuir-se, em parte notavel, á falta de pontos de apoio e abastecimentos. Apesar do escandaloso agazalho que encontraram no seu penosissimo roteiro até ás aguas inimigas, no dia da lucta estavam exaustas, depauperadas, bastando o primeiro ataque vigoroso do adversario abastecido, descansado, constantemente revigorado em suas

bases, para desaparecerem por completo.

Essa guerra demonstrou, mais uma vez, com a evidencia dos factos, a importancia que assume a fortificação costeira na defeza das bases navaes. Longe de constituir uma armadilha seductora para a destruição das esquadras, ella amplia a sua capacidade offensiva, auxilia as suas operações, dando-lhes a necessaria segurança para agirem ao largo.

O mesmo facto se reproduz em terra, em que os exercitos, a cada dia que passa, sentem a complexidade assombrosa dos seus elementos de combate; em que, a cada melhoramento introduzido, crescem em ampla proporção os seus comboios. Ahí tambem os pontos fixos e fortificados para abrigo momentaneo e armazenamento seguro de recursos, para a guarda effectiva das communicações com os centros fornecedores, offerecem importancia transcendente, permitindo o constante e inevitaxel serviço de abastecimento de todo o genero e o escoamento regular e rapido de tudo que, na marcha para a frente, se transforma em fardo inutil e atrazador.

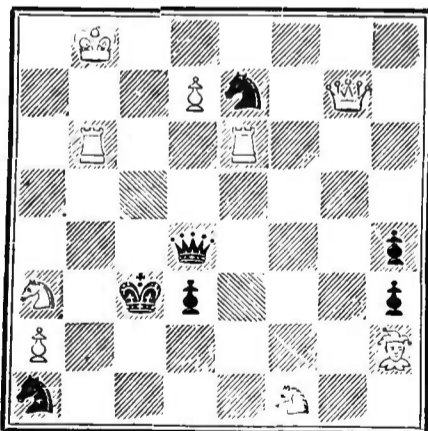
TENENTE MAX.

XADREZ

PROBLEMA N. 32

A. P. Silveira

PRETAS (7)



BRANÇAS (9)

Mate em dois lances

**

O XADREZ EM S. PAULO

Torneio do campeonato

Terminou hontem o torneio de xadrez da primeira turma, primeira classe. Fôram vencedores: em primeiro lugar, com quatro pontos, o dr. Mauricio Levy; em segundo, o dr. Francisco de Godoy, com trez e meio pontos. O dr. Antonio de Souza Campos e o sr. Dimitri Reich conquistaram o terceiro e quarto logares, o primeiro com trez pontos e o segundo com um e meio.

O dr. Mauricio Levy, além do titulo de campeão do club em 1906, receberá uma medalha de ouro. O segundo premio, tam-

bem uma medalha de ouro, pertence ao dr. Francisco Godoy.

Damos calorosos parabens aos vencedores.

— O Club de xadrez de S. Paulo elegeu a sua directoria para o anno de 1906:

Presidente, dr. Mauricio Levy, campeão do Club, (reeleito); vice-presidente, Victor Dreyer (reeleito); 1º thesoureiro, Hans Gladosch; 2º thesoureiro, B. Pazzio; secretario, Franklin Veiga; 1º dirigente, Luiz Heinsfurter (reeleito); 2º dirigente, Alfredo Bade; 3º dirigente, C. Jerosch; fiscaes: dr. Th. Cintra e S. Melillo.

**

PARTIDA N. 34

GAMBIRO EVANS

Branças	Pretas
(Raul de Castro)	(Caldas Vianna)
P 4 R	— 1 — P 4 R
C 3 B R	— 2 — C 3 B D
B 4 B	— 3 — B 4 B
P 4 C D	— 4 — B X P
P 3 B D	— 5 — B 4 B
P 4 D	— 6 — P X P
Roque	— 7 — P 3 D
P X P	— 8 — B 3 C
C 3 B D	— 9 — C 4 T D
B 5 C R	— 10 — P 3 B R
B 4 T R (a)	— 11 — C X B
D 4 T D x	— 12 — D 2 D
D X C	— 13 — D 2 B R (b)
C 5 D	— 14 — C 3 T R (c)
P 5 R!	— 15 — Roque? (d)
P X P B R	— 16 — B 3 C
C 7 R x	— 17 — D X C! (e)
P X D	— 18 — B X D
P X T f. D. x	— 19 — T X D
T R 1 R	— 20 — B 4 D
T D 1 B D	— 21 — C 4 B R
B 3 C	— 22 — C X B (f)
P T X C	— 23 — B X C
P X B	— 24 — T X P
R 2 C	— 25 — T 6 D
T 8 R x	— 26 — R 2 B
T (1 B) 1 R	— 27 — P 3 T R
T (1 R) 7 R x	— 28 — R 3 C
T 8 C R	— 29 — B X P
T X P B D	— 30 — P 4 C D
T 7 C D	— 31 — B 3 C D
T (8 C) X P x	— 32 — R 4 T
T D 7 R	— 33 — T 7 D
T 7 D	— 34 — T X P x
R 3 T	— 35 — T 6 B R
T (7 D) 7 B R !!	— 36 — B 5 D (g)
T 5 B R x!	— 37 — T X T
P 4 C R mate	— 38 —

(a) E' mais uzado e recommendavel B 4 B.

(b) Tendo um pião a mais, convém ás Pretas a troca das Damias.

(c) Para evitar o desroque com 15—C X B, P X C; 16—D X D x, R X D. Mas não seria mais prudente B 3 R, que dava o mesmo resultado.

(d) Arriscadissimo. 15 — P D X P ou P 4 B R seria preferivel.

(e) E' a perda certa da qualidade, mas não parece que haja coisa melhor. Si 17... R 1 T; 18—P X P x, R X P (si 18... D X P, 19—D X B); 19—P 5 D, seguido de D 3 B D x, com um ataque irresistivel.

(f) Si 22... C X P; 23—C X C, B X C; 24—T X P, etc.

(g) Evidentemente si 36... T X T; 37 — P 4 C R mate. Tambem não ha mais salvação possivel. Um bello final!

**

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 31 (*Tacito & Lipman*): 1 — T 2 D, R 5 R; 2 — T 1 D, R 4 R; 3 — T 1 R x, R X P; 4—B 6 R mate.

JOSÉ GETULIO.